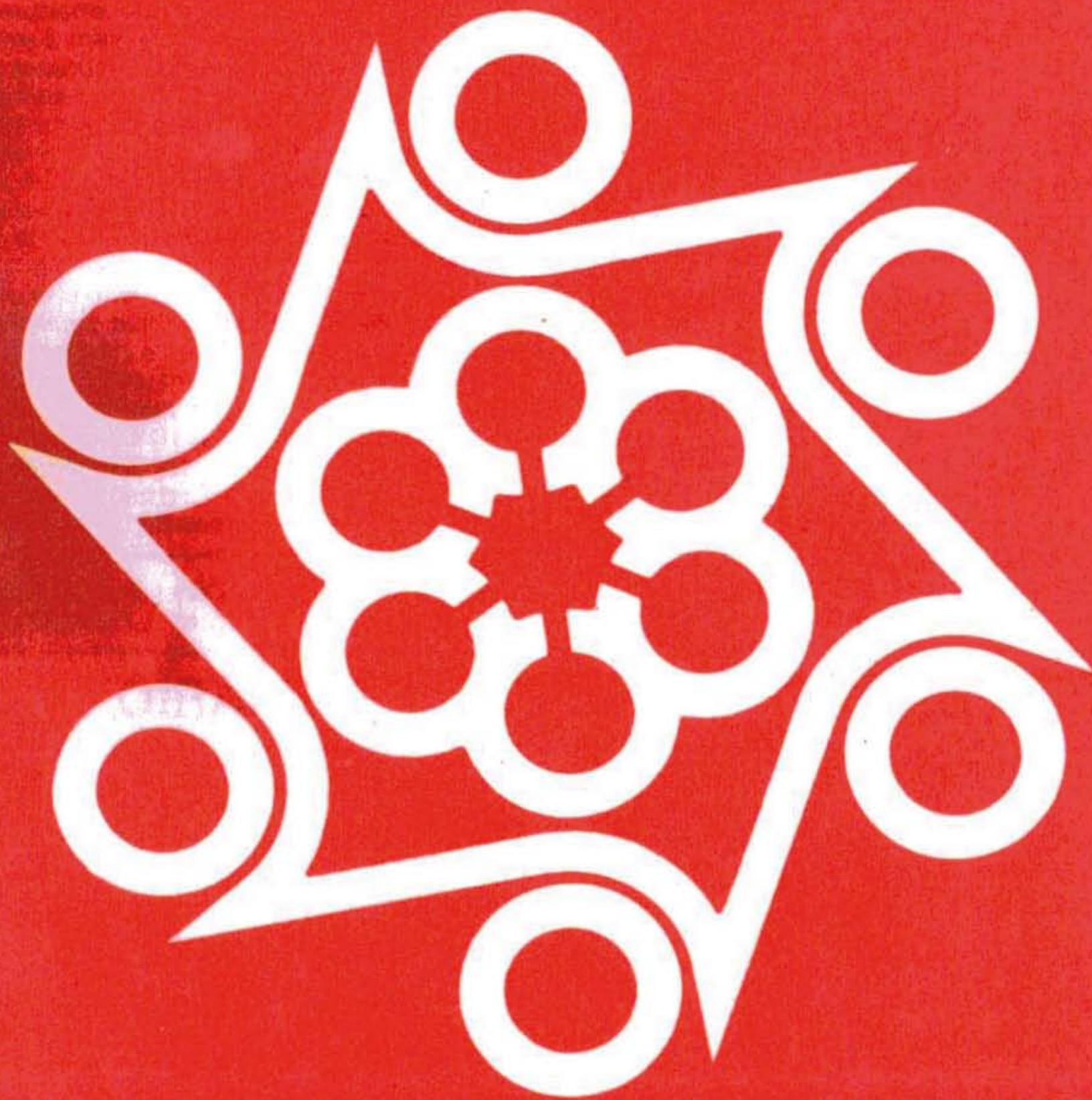


# convergencia

DEZ — 1988 — ANO XXIII — Nº 218



- **RELIGIOSOS E RELIGIOSAS**

João Paulo II — página 586

- **IGREJA, CULTURA, LIBERTAÇÃO**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 596

- **PROFETAS E MÁRTIRES EM 5 SÉCULOS DE EVANGELIZAÇÃO**

Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI — página 610

## CONVERGÊNCIA

Revista da  
Conferência  
dos Religiosos  
do Brasil: CRB



**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falchetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Ático Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

### Assinaturas para 1988

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cz\$ 750,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cz\$ 75,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

### Nossa capa

**Peça, engrenagem, força.** Em outro patamar, a intenção fundamental: **pessoa, comunidade, sociedade.** É óbvio, não é obra de arte, arte retiniana, formas agradáveis aos olhos. É, sim e sobretudo, um jogo de idéias. O interesse está menos no produto visual; menos no seu aspecto decorativo; mais na leitura da imagem, do signo-símbolo. Ser o que se é — pessoa — ou ser meramente peça na engrenagem do sistema? Toda vida verdadeira é encontro. Na relação interpessoal se desenvolve a personalidade e se adquire a identidade. Como, então, experimentar-se,

de maneira característica, uma individualidade precisa e não individualista? Como ser comunidade sem despersonalizar-se ou despersonificar-se? Afirmar e respeitar os valores do grupo como pluralidade psicológica ou as suas exigências de unidade sociológica, matriz de padronização institucional? Pessoas em comunidade, sempre fonte de tensões. O grupo é realidade conflitiva. Não se pode desconhecer o realismo das diferenças. E, no entanto, individualidade sem o sentido de pertença ao grupo não amadurece vocacionalmente. Comunidade sem o sentido de individuação é tentativa equívoca de sentir-se pessoa. Na busca de um ajustamento dinâmico para esta dialética existencial, **CONVERGÊNCIA** ajuda a evitar a emergência de excessos, a desabrochar experiências amadurecedoras, a evoluir, pouco a pouco, para uma situação de discernimento e de autonomia consubstanciadas pela fé. Só a fé combina este dualismo aparentemente contraditório: **Pessoa e Comunidade**, sublinhando a certeza de uma crescente integração. A nossa vocação é de comum união com JESUS CRISTO, a dimensão personalizante e comunitária de nosso futuro (1 Cor 1, 9). Nesta perspectiva, mensalmente, **Convergência** quer lhe dizer: hoje já é o ensaio da realidade do amanhã (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL.....	577
INFORME DA CRB .....	579
RELIGIOSOS E RELIGIOSAS	
João Paulo II .....	586
IGREJA, CULTURA, LIBERTAÇÃO	
Pe. Marcello de C. Azevedo, SJ.....	596
PROFETAS E MÁRTIRES EM CINCO SÉCULOS DE EVANGELIZAÇÃO	
Ir. M. Carmelita de Freitas, FI.....	610
O POTENCIAL EVANGELIZADOR DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL: ENCARNAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO POVO	
Maria Clara Lucchetti Bingemer.....	624
ÍNDICE ALFABÉTICO	
Ir. Yolanda Nascimento, MJC .....	636

# EDITORIAL

A CRB está publicando, em português, o texto do Projeto PALAVRA-VIDA elaborado pela CLAR com o objetivo de animar a Vida Religiosa do continente latino-americano a partir da Palavra de Deus. A CLAR lançou esse Projeto para celebrar a memória dos 500 anos de Evangelização na América Latina.

“O V Centenário da Evangelização na América Latina é uma oportunidade para celebrar com o nosso povo, a memória destes séculos que foram o caminho do Espírito, Palavra de Deus. É uma história que serviu de berço e de escola para a Vida Religiosa latino-americana. Por isso, a chegada do ano de 1992 se nos apresenta como uma data muito importante que não queremos desperdiçar em gestos triunfalistas e passageiros. É um momento denso, de profundo significado, que deve ser vivido com a sobriedade de quem se sabe peregrino num caminho de dor e de esperança. A graça inicial foi burlada muitas vezes pelo pecado, de maneira que essa contínua sucessão de luzes e sombras tornou pesado o caminhar (cfr. PUEBLA 10-13). Esta experiência pascal nos faz sentir a premente responsabilidade de olhar o horizonte para seguir a Estrela que marca o objetivo o futuro de um povo livre em comunhão e participação plena, um reino de justiça, de amor e de paz” (cfr. JUS-

TIFICAÇÃO, in Projeto PALAVRA-VIDA).

No contexto desta celebração, a CLAR deseja trazer sua colaboração para a animação da Vida Religiosa em nossa pátria grande, a América Latina.

“A CLAR vem acompanhando há quase 30 anos a caminhada da Vida Religiosa neste continente. Num primeiro momento encontrou eco ao convocar as religiosas e os religiosos para uma maior unidade e organização; o segundo momento consistiu na animação do longo e sofrido processo de renovação e de afirmação em vista de um modo latino-americano de ser consagrados; e atualmente nos encontramos num processo de comunhão-inserção que nos reenvia ao povo pobre com uma dimensão eclesial mais forte” (Ib.). A CLAR recorda: “Os fundadores da Vida Religiosa latino-americana aqui vieram há 500 anos, precedidos pela Cruz e pela Bíblia. Muitas vezes o anúncio do Evangelho se deixou contaminar pelos projetos de poder e se fizeram alianças com a força da espada para oprimir povos inteiros. No entanto, alguns de seus seguidores souberam ser fiéis a esse primeiro impulso e hoje podemos reconhecer suas pegadas. Por isso, queremos convidar a todos os consagrados do continente a descobrirmos a Palavra

que ilumine o futuro de nosso povo crente e oprimido" (ib).

Daqui surge o Projeto PALAVRA-VIDA ao qual a CRB se junta para fazer da Palavra de Deus o poço das águas borbulhantes da vida de Deus que dá força e transforma a Vida Religiosa no convívio com o nosso povo pobre e na escuta a seus clamores. "A partilha de vida com o povo levou muitas comunidades religiosas da América Latina a uma nova compreensão da Palavra. O povo simples, com a Bíblia na mão, começou a se expressar com palavras e gestos de tal forma que foi interpelando a Vida Religiosa. Este encontro da Vida com a Bíblia reforçou a interrelação FÉ-VIDA" (ib.). Mais uma vez, os pobres nos evangelizam.

O Projeto se divide em cinco partes, uma para cada um dos cinco anos que, de 1988 a 1992, nos separam do V Centenário da Evangelização da América Latina. Cada uma delas assenta numa palavra-chave: A. Palavra: 1) CONVOCA; 2) LIBERTA; 3) ANUNCIA E DENUNCIA; 4) É JESUS CRISTO; 5) INTERPELA E RECREIA. À luz de cada uma das palavras-chave são organizados doze Encontros Bíblicos que levam à reflexão, oração e animação da Comunidade Religiosa.

Esses Encontros foram pensados para o ADVENTO de cada ano. O ADVENTO é tempo forte de conversão, inclusive para a Vida Religiosa. Na força da Pa-

lavra lida em comunhão com o Povo de Deus, a Vida Religiosa encontra seu verdadeiro caminho para os nossos dias, na superação da sobrecarga do pecado que sobre ela também recai a partir dessa história de cinco séculos.

As Comunidades Religiosas que o desejarem, poderão também fazer desses Encontros Bíblicos uma fonte de oração e reflexão para seus retiros mensais no ano.

CONVERGÊNCIA, com votos de FELIZ NATAL a todos os seus leitores, apresenta:

"IGREJA, CULTURA, LIBERTAÇÃO", de Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ. Trata-se de uma reflexão de fundamental importância para a formulação do quadro dentro do qual deve acontecer a Nova Evangelização no Brasil.

"PROFETAS E MÁRTIRES EM CINCO SÉCULOS DE EVANGELIZAÇÃO", de Irmã MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI. "O sangue dos mártires é semente de cristãos", dizia-se antigamente. O martírio acontece hoje também. Em nossa pátria!

"O POTENCIAL EVANGELIZADOR DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL: ENCARNAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO POVO", de MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER, Professora de Teologia na PUC/RJ e mãe de família.

**Pe. Atico Fasini, MS**

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

---

---

---

### O CETESP XXIII

De 18 de fevereiro a 1º de julho deste ano de 1988, mais um Curso do CETESP se desenrolou, dentro de sua dinâmica e objetivos próprios, já de todos os nossos leitores cada vez mais conhecido: animar Formadores e pessoas de Governo nas Congregações, assumindo o novo rosto da Vida Religiosa na América Latina.

Aliás, nem tudo dará para ser passado pelos 47 participantes às comunidades religiosas para onde retornam, pois muitas coisas que se passam e acontecem no ambiente e no dia a dia do Curso, não são explicáveis fora do contexto em que foram vividas, na intensidade da busca do Senhor que reúne e que forma. Daí também que o nosso apanhado sobre os quatro meses e meio de atividades e de vivências, só pode ser apresentado em forma de breve informação.

Nós, da Coordenação do Curso, ficamos muito felizes e gratificados por este grupo excepcional que concluiu o XXIII CETESP. Pelo que percebemos e sentimos, todos os participantes chegaram ao fim (exceto o caso de um sacerdote que não pôde estar no Retiro final por razões de saúde) na alegria e na paz do dever cumprido, com um sentido de muita responsabilidade e desejo constante de corresponsabilidade.

Esta atitude foi sentida por nós, pelas sugestões de propostas deixadas pelo grupo à CRB nacional. Na introdução deste pequeno documento está bem expresso o sentido que estes Cetepistas quiseram dar ao mesmo: "Reconhecemos o grande valor do CETESP para a renovação da Vida Religiosa na América Latina, por tudo que experimentamos e vivenciamos neste CETESP XXIII, conforme o seu objetivo proposto (vivência, participação, comunhão...). Isto nos tem mostrado e impulsionado a acolher a nova forma de Vida Religiosa que vai se delineando em nossa história. Diante disto, sentimos um forte apelo à corresponsabilidade, contribuindo com sugestões concretas para o aprimoramento dos futuros cursos aos irmãos e irmãs religiosos e religiosas". Seguem as propostas.

Na dinâmica final do Curso, proposta de síntese visualizada no "grupão", realizada na manhã do dia 1º de julho, ficou muito patente a característica marcante de comunhão profunda conseguida entre os participantes. Esta se expressou na amizade e entrosamento sinceros das pessoas, seja individualmente, seja nos diversos e variados grupos formados, sempre muito abertos para aceitar, acolher, dialogar, partilhar experiências e, se necessário, como o foi o caso algumas vezes, perdoar.

Foi muito gratificante podermos acolher com carinho, as impressões de to-

dos os nossos amigos Cetepistas, ao responderem com sinceridade o que haviam sentido ao longo dos meses. Deixamos registrada aqui a resposta de uma participante, extraída de sua folha de avaliação: "As experiências mais marcantes foram aquelas em que pude expressar meus sentimentos, como também ouvir e receber dos outros. Estas experiências foram através dos relacionamentos nas diversas circunstâncias: grupos, Celebrações da Eucaristia, Direção Espiritual, enfim toda relação que envolveu o Tu, o Outro". É claro que nem tudo foi assim tão positivo. Contudo, como muitos deixaram também expresso em suas folhas de avaliação, o que ficou a desejar na dinâmica geral, nos conteúdos e na prática paciente da convivência, nem merece ser mencionado, comparado àquilo que o Todo conseguiu marcar como experiência forte, inesquecível e definitiva.

Como de costume, terminamos mais este CETESP aos pés do Senhor, primeiro num Retiro orientado, levado muito a sério por todos, e que culminou o processo de uma busca paciente e esperançosa; e finalmente, na Concelebração Eucarística que expressou gratuitamente a VIDA acontecida neste "KAI-RÓS" privilegiado.

Este CETESP XXIII, que coincidiu com o final do Ano Mariano, todo ele, por isso mesmo, dedicado a MARIA, certamente foi muito abençoado pela Mãe do Senhor. É por Ela que rendemos uma vez mais nossa gratidão ao Bom Deus, servindo-nos das palavras desta serva: "Nossa alma glorifica o Senhor, exulta nosso espírito, em Deus nosso Salvador!" (Lc 1, 46-47).

**Ir. Maria Eunice de Oliveira,**  
**CMFSS**

Diretora do CETESP

**Padre Paulo Lisboa, SJ**

Diretor do CETESP

## **SEMINÁRIO NACIONAL DO GRI**

Respondendo ao desejo expresso pelos participantes do Seminário realizado em Goiânia, em maio de 87, a CRB Nacional, contando com a colaboração dos elementos do GRI, organizou e realizou o SEMINÁRIO NACIONAL DO GRI, em Salvador/BA, de 13 a 18 de maio.

Estiveram presentes representantes de 16 Regionais da CRB, num total de 51 participantes.

O tema proposto foi "Evangelização e Inculturação". Essa escolha foi motivada pela prioridade que está sendo dada pela CLAR e pela CRB Nacional a esse mesmo assunto, em vista da preparação da América Latina para a comemoração dos 500 anos de evangelização (1992). "Evangelização e Inculturação" é o grande desafio que nos é apresentado, em vista da "NOVA EVANGELIZAÇÃO" pedida tão insistentemente à Igreja e a todo evangelizador, agora.

Como evangelizar o nosso povo a partir de seu próprio chão? E a grande questão que temos diante de nós.

Este seminário quis ser um primeiro contato com este assunto. Trabalhando e vivendo nos meios populares, num esforço de inserção e de "comunhão de destino" cada vez mais verdadeiros, os religiosos, as religiosas em número ainda bem maior, sentem a necessidade de

descobrir as raízes vitais desse mesmo povo, as forças culturais que o sustentam, ao mesmo tempo que buscam levar a essas raízes a consciência de sua dimensão evangélica.

Muitas questões foram levantadas, muitas suspeitas sobre os métodos e maneira de ação, sobre a dinâmica de trabalho, sobre a qualidade da presença do religioso nos meios populares.

Temas bastante debatidos e sempre atuais voltaram à discussão e ajudaram a dar passos na reflexão: o trabalho, a participação nas lutas do povo, o compromisso social de transformação, a atitude de escuta, de aprendizagem, a sensibilidade para perceber as reais necessidades e os valores inerentes à vida do povo.

Como resultado desses dias de trabalho, o grupo concluiu, numa síntese, alguns aspectos importantes para serem aprofundados e transformados em atitudes e vida:

Uma das dimensões fundamentais da Vida Religiosa Inserida em meios populares é o processo de inculturação da fé na cultura popular. Este processo implica na constante necessidade de esvaziar-se e despojar-se da carga de cultura dominante que nos perturba.

São dois os marcos referenciais no processo de inculturação da fé: — a pessoa de Jesus Cristo na perspectiva do Reino que se explicita na libertação; — a pessoa do oprimido respeitada no seu processo histórico cultural.

Além da vigência da fé, faz-se necessário o conhecimento profundo e empático da cultura. Como toda realidade humana, a cultura sempre apresenta ambigüidades a serem discernidas.

A inserção, que é o viver e conviver com o povo empobrecido, exige, portanto, uma constante aprendizagem atenta às sementes do Reino que germinam na terra fértil dos preferidos de Deus.

Se o processo de inserção leva a uma comunhão de destino no sofrimento, a inculturação da fé (dimensão desta inserção), significa resgate, cultivo, reforço e iluminação de toda expressão de vida e libertação presente na cultura deste povo empobrecido.

### **IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA INSERIDA (VRI) EM MEIOS POPULARES**

A Inserção da VR nos meios Populares é um processo que implica mudança radical de classe social, buscando com os empobrecidos o seu Projeto de Libertação. Isto se dá:

— A partir da convivência com o povo, assumindo com ele a forma de sobrevivência (pelo trabalho), o sofrimento e a marginalização que lhes são impostos nesta sociedade.

— Fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo, em espírito de oração e em comunhão com a Igreja.

Há diversas maneiras de participar desse processo, seja ao nível de um real apoio às comunidades inseridas e aliança com os pobres no seu Projeto Libertador (mesmo sem estar inserido), seja ao nível da inserção propriamente dita. A VRI identifica-se por um testemunho comunitário, no meio dos empobrecidos, do Deus que rompe com todas as opressões e nos chama à partilha, à fraternidade e à vida em todos os sentidos.

## **VRI E HIERARQUIA**

A VRI nos meios populares só tem sentido como tal, quando em comunhão com a Igreja-Povo de Deus. Esta comunhão ao mesmo tempo é realidade e desafio assumido em vista da construção do Reino. É necessário que seja garantido o sentido (não hierárquico) da VR para que os religiosos possam, como consagrados na Igreja, dar sua contribuição específica. Nesta perspectiva impõe-se uma constante revisão do conceito de obediência que é fundamentalmente obediência a Deus numa atitude comunitária de escuta.

## **VRI, PODER POLÍTICO E MOVIMENTO POPULAR**

A simples presença de religiosos junto ao povo empobrecido gera inquietação nos donos do poder. Assumir a vida inserida significa ser visado e correr o mesmo risco (comunhão de destino) com todos aqueles que já são as vítimas neste sistema.

Além da presença, a inserção implica numa clara participação nas organizações populares (associações, sindicatos, partidos), como contribuição crítica ajudando a garantir que estas organizações sejam fiéis aos interesses dos oprimidos. Esta participação, às vezes, pode ser de assessoria profissional; no entanto a contribuição específica se manifesta sempre numa linha profética que brota da sintonia com Deus e consequentemente com os empobrecidos.

## **VRI E O MUNDO DO TRABALHO**

O trabalho é condição imprescindível para a inserção. Assumir esta condição constitui um fator de credibilidade.

Para o religioso inserido, participar no mundo do trabalho, só tem sentido numa perspectiva de transformação. O trabalho dentro desta linha é fonte de sustento, de solidariedade, de socialização e de formação da pessoa. A dimensão da gratuidade também deve estar sempre presente.

Onde existirem condições para tal é importante que os Religiosos Inseridos assumam a sua manutenção independentes da Diocese, da Paróquia e da Congregação. Não podemos deixar de destacar alguns pontos altos deste encontro:

— a disponibilidade e ajuda da Regional de Salvador, ali representada por um membro da Diretoria, pela secretária executiva e sua auxiliar;

— a simpatia dos outros membros da Diretoria que marcaram sua presença durante os dias de trabalho;

— a oportunidade de visita a alguns pontos de atuação da Vida Religiosa entre os mais pobres e marginalizados;

— o local da realização do Seminário;

— as equipes de coordenação, de secretaria, de liturgia, de animação e de serviço;

— o alto nível de compromisso com os pobres, manifestado através das celebrações sempre muito encarnadas e vivas;

— a seriedade da busca, a simplicidade do relacionamento, a alegria da pertença a um grupo comprometido e consciente, a força do testemunho.

**Irmã Elza Ribeiro, P. Gap**  
Assessora da Diretoria

# **X ASSEMBLÉIA ORDINÁRIA DA CLAR (Cochabamba — Bolívia: 1 — 10/06/88)**

A X Assembléia da Confederação Latino-Americana dos Religiosos se realizou num cenário ecológico de particular beleza. Situada a 2.800 metros de altura, a cidade de Cochabamba se estende numa ampla concha geológica circundada de montanhas que alcançam os 3.500 metros.

Os 145 participantes foram brindados com dez dias de céu intensamente azul, se bem que a temperatura à sombra não ultrapassasse os 18°, descendo durante a noite a poucos graus (3°-5°) acima de zero.

Foi um conagraçamento de 61 delegados de 21 Conferências Nacionais mais a Presidência do CLAR (quatro membros), sete assessores de quatro países latino-americanos, 33 formadores e formandos, 13 membros do Secretariado da CLAR e da Conferência da Bolívia e 26 convidados especiais, entre os quais o Secretário da Congregação dos Religiosos e Institutos seculares de Roma, Dom Vincenzo Fagiolo, o Presidente do DEVICON do CELAM, Dom Carlos Oviedo Cavada, o Sr. Nuncio Apostólico da Bolívia, Dom Santos Abril Castello, o Secretário Geral da Conferência Episcopal da Bolívia, Dom Luís Sainz Hinojosa, Arcebispo de La Paz e numerosos Superiores(as) Gerais ou Conselheiros(as) ou Assistentes Gerais de várias Congregações masculinas e femininas.

A presença brasileira era numerosa: o Presidente da CRB, Ir. Claudino Falquetto, FMS, a Irmã Hilda Rosa e Pe.

Fábio Bértoli da Diretoria Nacional, Pe. João Edênio Reis Valle, Vice-Presidente da CLAR, a Secretária Geral da CLAR, Irmã Hermengarda Alves Martins, que mora na Colômbia, as Irmãs Iracy e Maria do Carmo, Franciscanas de Dillingen para apresentar uma experiência de formação inserida e a Irmã Lucília Maria Valença de Freitas, Pe. José Antônio Netto de Oliveira e Pe. Dalton Barros de Almeida como assessores, e Pe. José Geraldo da Cruz e Jr. Maria das Dores Pimenta, conselheiros gerais respectivamente dos Assuncionistas e de Nossa Senhora do Cenáculo.

Dez dias não foram demais para alcançar os objetivos da Assembléia, que foram fundamentalmente dois: 1º — Aprofundar, a partir de algumas experiências e da reflexão anteriormente realizada nas várias Conferências Nacionais, o processo da formação da Vida Religiosa na América Latina, a fim de propor linhas de ação capazes de orientar este processo conforme as exigências da missão evangelizadora face aos atuais desafios do Continente; 2º — Eleger a nova Diretoria da CLAR.

A eleição da nova Diretoria ocupou aproximadamente um dia e meio, incluindo sua preparação técnica e sobretudo espiritual.

Resultaram eleitos:

— Presidente da CLAR: Frei Luis Coscia, Franciscano capuchinho, Presidente da Conferência Argentina.

— 1º Vice-Presidente: Irmã Corália Annunciata Quiroz Hernandez, Dominicana, da Conferência de El Salvador.

— 2º Vice-Presidente: Irmão Israel José Nery, Lassalista, Conferência do Brasil.

— 3º Vice-Presidente: Pe. Gregório Iriarte Pozueta, Oblato de Maria Imaculada, da Conferência da Bolívia.

— Secretário Geral: Irmão Claudino Falchetto FMS, atual Presidente da nossa CRB.

Os outros oito dias e meio foram ocupados preponderantemente por um trabalho intenso de reflexão sobre o processo de formação, inicial e permanente, da Vida Religiosa para responder à missão evangelizadora ("nova evangelização") face aos desafios do Continente Latino-americano.

O tema "Formação", assim entendido, foi subdividido nos seguintes sub-temas: a formação como processo pedagógico; formação e inculturação; formação e espiritualidade; formação e política; formação: maturidade afetiva e vida comunitária; formação, estudo, trabalho, pastoral libertadora.

A Assembléia se dividiu em seis grupos de trabalho de aproximadamente vinte componentes e cada grupo ficou estudando demoradamente um dos sub-temas. Em cada grupo a reflexão partia do depoimento de experiências vividas, apresentadas pelos formadores e formandos especificamente selecionados ao longo da preparação desta Assembléia, a partir de 1986.

O processo de reflexão, entrelaçado de períodos de trabalho pessoal, partilha por grupos e mini-plenários, permitia avançar no estudo dos sub-temas, na compreensão global, no enriquecimento mútuo. Desta forma se chegou — graças a uma comissão de sistematização — à elaboração de um documento escrito, que recolhia o melhor de cada grupo de forma profunda e complementar.

O documento foi analisado, emendado e redigido por duas vezes e por fim votado, parágrafo por parágrafo. Um trabalho semelhante ao da nossa Constituinte? A analogia pode valer, mas com um espírito bem diferente. Os participantes, em atitude de respeito e abertura para o outro, procuravam colher, escutar e aceltar o Espírito do Senhor que se revelava dentro da Assembléia, nas experiências vivas apresentadas, na Palavra de Deus celebrada e meditada, na inter-comunicação fraterna e franca nas horas de trabalho e ao redor da mesa nas refeições.

Esta atitude específica de obediência ao Espírito, caracterizou sensivelmente a Assembléia, alimentada pelas liturgias e para-liturgias, que constituíram os momentos fortes destes dez dias. Foram momentos privilegiados, quando as várias culturas tiveram espaço para se expressar, levando ao questionamento, ao arrependimento, à conversão, à alegre descoberta da ação sempre nova de Deus neste nosso Continente.

Os congregados, ao fim dos trabalhos, não quiseram dar a este documento o caráter definitivo e dogmático. Quiseram que ele, uma vez publicado, seja posto nas mãos de todos os religiosos e religiosas da América Latina como um material válido e dinâmico para continuar a caminhada.

Nele os Superiores, os formadores, os formados e os formandos encontrarão orientações preciosas para discernir, firmar-se, corrigir e avançar na consciência da nossa responsabilidade com a Igreja e na sociedade, perpassadas por grandes desafios evangelizadores.

Os participantes sentiram o momento histórico por que passa a Vida Religio-

sa. Não é o momento de encolher-se, desanimar, retroceder. Avaliando constantemente as expedições já em ato e firmadas, elaborar projetos de formação inicial e permanente, que respondam ao homem e à mulher de hoje nas suas várias culturas e à sua missão aqui e agora, livres e obedientes ao Espírito.

A Assembléia não só reafirmou e precisou os grandes critérios que devem nortear a Vida Religiosa, missionária e evangelizadora, da América Latina, mas ofereceu sólida fundamentação teoló-

gico-pastoral e uma abundante série de pistas concretas para a ação nas áreas e nas dimensões que envolvem a formação e que cada grupo aprofundou.

A Eucaristia final com a participação de vários bispos da Conferência Episcopal da Bolívia encerrou este serviço que a X Assembléia da CLAR realizou a bem de toda a Vida Religiosa Latino-americana, confirmou a comunhão com os Pastores e testemunhou a fé e a esperança para a nova evangelização que é chamada a realizar no Continente e no mundo.

## **CONGREGAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA: 25 ANOS DE BRASIL**

No dia 12 de agosto de 1963, os quatro primeiros padres da Congregação do Imaculado Coração de Maria (CICM) chegaram no Brasil. Faz 25 anos. A Congregação tem origem belga, e é exclusivamente missionária, "ad extra". No momento somos 40 missionários de 10 nacionalidades diferentes, trabalhando em 8 dioceses no Brasil.

Começamos em Nova Iguaçu, RJ, onde ainda se encontra a Casa Provincial, as casas de formação e onde temos 4 paróquias. As outras dioceses onde trabalhamos são Botucatu, SP, Bragança, PA, Cornélio Procopio, PR,

Duque de Caxias, RJ, Itabira, MG, Itaguaí, RJ e Marabá, PA.

Desde 1980, começamos a Formação Inicial de jovens brasileiros para a missão "ad extra". Queremos assim contribuir para que a Igreja do Brasil se torne mais missionária. Estamos conscientes de que somos o que somos graças também ao povo brasileiro que nos acolhe. A fé deste povo fortalece a nossa fé, sua coragem frente à vida nos anima, e sua capacidade de acolhimento é um convite para caminharmos com ele.

**Pe. Gabriel Gheysens**  
Provincial

*Prezado Assinante:*

*Você já descobriu o erro que contém sua Convergência, novembro de 1988. O SUMÁRIO da capa 2 é de Convergência, outubro de 1988. Embora o erro não seja meu, a responsabilidade só pode ser minha. Queira me perdoar o transtorno que lhe causei (Pe. Marcos de Lima, SDB).*

# RELIGIOSOS E RELIGIOSAS

*Carta do Santo Padre João Paulo II  
a todas as pessoas consagradas das comunidades  
religiosas e dos Institutos Seculares, por  
ocasião do ano mariano. Roma, 22 de maio de 1988.*

**João Paulo II**

Roma, Itália

*“A nossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Col 3, 3).*

*Amados Irmãos e Irmãs em Cristo:*

## **Introdução**

A Encíclica *Redemptoris Mater* explica o significado do Ano Mariano, que estamos a viver juntamente com toda a Igreja, desde o Pentecostes passado até à próxima solenidade de Assunção. Neste período nós procuramos seguir os ensinamentos do Concílio Vaticano II; este, na Constituição dogmática sobre a Igreja, apresentou a Mãe de Deus como Aquela que precede todo o Povo de Deus na peregrinação da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo (1). Em virtude disto mesmo, a Igreja inteira vê em Maria a sua “figura” perfeita. Tudo o que o Concílio, seguindo a tradição dos Padres, afirma da Igreja como comunidade universal do Povo de Deus, é necessário que seja meditado — em relação com a própria vocação — por todos aqueles que, conjuntamente, formam esta mesma comunidade.

Muitos de vós, amados Irmãos e Irmãs, procuram certamente, neste Ano, renovar a consciência dos vínculos existentes entre a Mãe de Deus e a própria vocação específica na Igreja. A presente Carta, que vos dirijo no Ano Mariano, tem o intuito de proporcionar uma ajuda para as nossas meditações sobre este tema; e escrevo-a, sem perder de vista e referindo-me também às considerações que já foram preparadas para vós pela Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares (2). Ao redigi-la, desejo exprimir ao mesmo tempo o amor que a Igreja nutre por vós, pela vossa vocação, pela missão que desempenhais no seio do Povo de Deus, em tantos lugares diversos e de tantas maneiras. Tudo isso é um grande dom para a Igreja. E dado que a Mãe de Deus, em virtude da parte que tem no mistério de Cristo, está também presente de contínuo na vida da Igreja, a vossa vocação e o vosso serviço são como que um reflexo dessa sua presença. É preciso, pois, perguntar-se que relações existirão entre esta “figura” e a vocação das pessoas consagradas, as quais,

nas diversas Ordens, Congregações e Institutos diligenciam por realizar a sua doação a Cristo.

### **Meditemos com Maria o mistério da nossa vocação**

No decorrer da Visitação, Isabel, a parenta de Maria, chamou-a bem-aventurada por motivo de sua fé: “Ditosa daquela *que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor*” (Lc 1, 45).

Na verdade, estas “coisas que lhe foram ditas” — quando da Anunciação a Maria — tinham sido “coisas” insólitas. A leitura atenta do texto de São Lucas mostra que nelas está contida a verdade sobre Deus, já totalmente na linha do Evangelho e da Nova Aliança. A Virgem de Nazaré foi *introduzida no mistério imperscrutável*, que é Deus vivo, Deus Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Foi nesse contexto que foi revelada à Virgem a vocação para ser a Mãe do Messias, vocação a que Ela respondeu com o seu *fiat*: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

Ao meditarmos no acontecimento da Anunciação, nós pensamos também *na nossa vocação*. Esta marca sempre uma viagem na caminhada do nosso relacionamento com Deus vivo. Diante de cada um e de cada uma de vós abriu-se uma nova perspectiva; e um novo sentido e uma nova dimensão foram dados à vossa existência cristã.

Isto verifica-se em vista do futuro, daquela vida que virá a viver depois a pessoa concreta: vida da

sua escolha e decisão amadurecida. O momento da vocação diz respeito sempre e de modo direto a uma pessoa; mas, ao mesmo tempo — analogamente ao que sucedeu em Nazaré durante a Anunciação — ele constitui um certo “desvelar-se” do mistério de Deus. A *vocação* — antes de se tornar um fato interior na pessoa, *antes de revestir a forma de uma escolha e de uma decisão pessoal* — reporta-se a uma outra escolha anterior, da parte de Deus, que precedeu a escolha e a decisão humana. Cristo falou disto aos Apóstolos durante o seu discurso de despedida: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; fui eu que vos escolhi” (Jo 15, 16).

Esta escolha — do mesmo modo que sucedeu com Maria Santíssima na Anunciação — convida-nos a *encontrar-nos nas profundezas do mistério eterno de Deus que é Amor*. Sim, quando Cristo nos escolhe, quando Ele nos diz “segue-me”, então — como proclama a *Carta aos Efésios* — “Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” escolhe-nos n’Ele: “N’Ele nos elegeu antes da fundação do mundo... Predestinou-nos para sermos seus filhos adotivos... para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, pela qual nos tornou agradáveis em seu amado Filho”. Por fim, “deu-nos a conhecer o mistério da sua vontade, conforme o seu benévolo desígnio, que n’Ele de antemão estabelecera” (Ef 1, 4-6.9).

As palavras acabadas de referir têm um alcance universal: falam *da escolha eterna de todos e de cada um em Cristo*, da vocação à santi-

dade que é própria dos filhos adotivos de Deus. Ao mesmo tempo, porém, essas palavras permitem-nos aprofundar o mistério de todas e cada uma das vocações, em particular daquela que é própria das pessoas consagradas. Deste modo, cada um e cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, poderá tomar consciência de como é profunda e sobrenatural a realidade que se experimenta, quando alguém segue a Cristo, que convida dizendo: "Segue-me". Então a verdade das palavras de São Paulo: "*a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*" (Col 3, 3) torna-se para nós algo próximo e límpido. A nossa vocação está escondida no mistério eterno de Deus antes de se tornar em nós um fato interior, o nosso "sim" humano, a nossa escolha e a nossa decisão.

Com a Virgem Maria, no acontecimento da Anunciação em Nazaré, meditemos o mistério da vocação que se tornou a nossa "parte" de herança em Cristo e na Igreja.

### **Meditemos com Maria o mistério da nossa consagração**

O Apóstolo escreve: Com efeito, "vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Col 3, 3). Passamos assim da Anunciação para o Mistério pascal. A expressão paulina "morrestes", aqui, encerra o mesmo conteúdo que o Apóstolo exprime na *Carta dos Romanos*, quando ele escreve sobre o significado do Sacramento que nos insere na vida de Cristo: "Ou ignorais, porventura, que

quantos fomos batizados em Cristo Jesus, fomos imersos à semelhança da sua morte?" (Rom 6, 3). Sendo assim, a citada expressão da *Carta aos Colossenses*: "morrestes..." significa: "*Por meio do batismo... fomos sepultados juntamente com Ele, à semelhança da sua morte, para que, assim como Jesus Cristo ressuscitou dos mortos mediante a gloriosa potência do Pai, assim caminhemos, nós também, numa vida nova*" (Rom 6, 4).

Deus escolheu-nos eternamente no seu amado Filho, Redentor do mundo. A nossa vocação à graça da adoção como filhos de Deus é algo que corresponde afinal à eterna verdade deste estar "escondidos com Cristo em Deus". Esta vocação realiza-se no tempo, para todos os cristãos, por meio do Batismo, que nos sepulta à semelhança da morte de Cristo. Por este Sacramento principia também para nós o "estar escondidos com Cristo em Deus"; e este fato inscreve-se na história de uma pessoa determinada que recebeu o Batismo. Participando sacramentalmente na morte redentora de Cristo, fomos também *unidos a Ele* na sua ressurreição (cf. Rom 6, 5). Começamos a compartilhar essa "vida nova", de uma novidade absoluta (cf. Rom 6, 4), iniciada por Cristo — precisamente mediante a ressurreição — na história humana. Esta "novidade de vida" significa em primeiro lugar a libertação da herança do pecado, da escravidão do pecado (cf. Rom 6, 1-11).

Ao mesmo tempo — e sobretudo — ela significa a "consagra-

ção da verdade" (cf. Jo 17, 17), na qual se descobre plenamente a perspectiva da união com Deus, da vida em Deus. E assim, a nossa vida humana "está escondida com Cristo em Deus" de modo sacramental e conjuntamente real. Ao Sacramento corresponde a realidade viva de graça santificante, que impregna a nossa vida humana mediante a participação na vida trinitária de Deus.

As palavras de São Paulo, em particular as contidas na *Carta aos Romanos*, indicam que toda esta "novidade de vida", que é participada em primeiro lugar mediante o Batismo, encerra em si o princípio de todas as vocações que, no desenrolar-se da vida de um cristão ou de uma cristã, lhes demandarão que façam uma sua escolha e uma decisão consciente na Igreja. Em cada uma das vocações das pessoas batizadas, de fato, reflete-se um aspecto daquela "consagração na verdade", que Cristo realizou pela sua morte e ressurreição e encerrou no seu Mistério pascal: "Por eles eu consagro-me a mim mesmo, para eles serem também consagrados na verdade" (Jo 17, 19).

A vocação de uma pessoa humana para consagrar a sua vida toda situa-se numa relação especial com a consagração do próprio Cristo pelos homens. Ela germina sempre da raiz sacramental do Batismo, que encerra em si a primeira e fundamental consagração da pessoa humana a Deus. A consagração mediante a profissão dos conselhos evangélicos — ou seja, mediante os votos ou as promessas — é um

desenvolvimento orgânico daquele princípio que é o Batismo. Na consagração está contida a escolha amadurecida que se faz do próprio Deus, a resposta sponsal ao amor de Cristo. Quando nos doamos a nós mesmos a Ele de modo total e indiviso, desejamos "seguir-l'O", tomando a decisão de observar a castidade, a pobreza e a obediência no espírito dos conselhos evangélicos. Desejamos ser o mais semelhantes possível a Cristo, conformando a nossa própria vida segundo o espírito das bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Mas sobretudo, desejamos possuir a caridade, que permeia todos os elementos da vida consagrada e os une como um verdadeiro "vínculo de perfeição" (cf. Col 3, 14) (3).

Tudo isto está contido no significado daquela palavra de São Paulo "morrer", o que se inicia sacramentalmente no Batismo: *um morrer com Cristo, que nos torna participantes dos frutos da sua ressurreição*, à semelhança do grão de trigo que, caindo na terra, "morre" em vista de uma vida nova (cf. Jo 12, 24). A consagração de uma pessoa pelos vínculos sagrados, é que determina uma tal "novidade de vida", que poderá realizar-se somente sobre a base do "esconder-se" em Cristo de tudo o que constitui a nossa vida humana: a nossa vida está escondida com Cristo em Deus.

Se a consagração de uma pessoa pode ser comparada, sob o ponto de vista humano, com o "perder a vida", no entanto ela constitui ao mesmo tempo o caminho mais di-

reto para "a reencontrar". Cristo, efetivamente, diz: "Quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, achá-la-á" (Mt 10, 39). Estas palavras são a expressão, certamente, do caráter radical do Evangelho. Ao mesmo tempo, porém, é difícil não vislumbrar quanto elas se referem ao homem, quão singular é a sua dimensão antropológica. O que é que existe de mais fundamental para um ser humano — homem ou mulher — do que isto precisamente: o encontro de si mesmo, o encontro de si mesmo em Cristo, uma vez que Cristo é "a plenitude" (cf. Col 2, 9)?

Estas reflexões, centradas no tema da consagração da pessoa mediante a profissão dos conselhos evangélicos, levam-nos a permanecer constantemente no âmbito do Mistério pascal. *Com Maria Santíssima, procuremos ser participantes* daquela morte que deu frutos de "vida nova", na ressurreição: essa morte na Cruz foi algo infamante e foi a morte do seu próprio Filho! Mas exatamente aí, aos pés da cruz, "junto da qual estive, não sem designio de Deus" (4), não compreendeu porventura Maria Santíssima, de uma maneira nova, tudo aquilo que já tinha ouvido no dia da Anunciação? Precisamente aí, e precisamente mediante a "espada que trespassou a sua alma" (cf. Lc 2, 35), mediante a incomparável "kenose da fé" (5), acaso não entreviu Maria cabalmente a plena verdade sobre a sua maternidade? Exatamente aí, não se identificou Ela de maneira definitiva com tal verdade "achiando a alma" que, na

experiência do Gólgota, teve de perder do modo mais doloroso que podia haver, por causa de Cristo e por causa do Evangelho?

E precisamente neste "encontro" pleno da verdade quanto à maternidade divina, que se tornou a "parte de herança de Maria desde o momento da Anunciação, é que se inscrevem as palavras de Cristo proferidas do alto da Cruz, as quais indicam o Apóstolo João, designam um homem: "Eis o teu filho" (cf. Jo 19, 26).

Amados Irmãos e Irmãs: *retornemos constantemente*, pela nossa profissão, *ao mais profundo do Mistério pascal!* Apresentemo-nos junto da Cruz de Cristo, ao lado da sua Mãe! E aprendamos dela o que é a nossa vocação. Não foi o próprio Cristo, porventura, que disse: "Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é para mim irmão, irmã e mãe" (Mt 12, 50)?

### **Meditemos com Maria o vosso apostolado específico**

Os acontecimentos pascais projetam-nos no sentido do Pentecostes, para o dia em que "virá o Espírito da verdade", a fim de "guiar para a verdade total" (cf. Jo 16, 13) os Apóstolos e toda a Igreja edificada sobre eles como seu fundamento (6), ao longo da história da humanidade.

*Maria tinha levado para o Cenáculo do Pentecostes a "nossa maternidade"*, que se tornara a sua "parte" aos pés da Cruz. Esta maternidade deve permanecer n'Ela e, ao mesmo tempo, d'Ela, como "fi-

gura”, há-de transferir-se para toda a Igreja, que se revelará ao mundo no dia da descida do Espírito Paráclito. Todos aqueles que se encontram reunidos no Cenáculo estão conscientes de que, a partir do momento do retorno de Cristo para junto do Pai, a sua vida está escondida juntamente com Ele em Deus. Maria Santíssima vive esta consciência mais do que qualquer um dos outros.

Deus veio ao mundo, nasceu d’Ela como “Filho do homem”, para corresponder à eterna vontade do Pai que “de tal modo amou o mundo” (cf. *Jo* 3, 16). Todavia, ao fazer-se o Verbo o Emanuel (Deus conosco), o Pai, o Filho e o Espírito Santo revelaram outrossim e mais profundamente ainda *que o mundo “permanece em Deus”* (cf. *1 Jo* 3, 24). “É n’Ele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos” (*At* 17, 28). Deus abrange tudo aquilo que foi criado com o seu poder criador que, através de Cristo, se revelou sobretudo como potência de amor. A Incarnação do Verbo, o sinal inefável e indelével da “imanência” de Deus no mundo, desvelou, de uma maneira nova, a sua “transcendência”. Tudo isto se encontra já realizado e contido no enquadramento do Ministério pascal. A partida do Filho, “gerado antes de toda a criatura” (*Col* 1, 15), suscitou uma expectativa nova em relação Àquele que tudo enche: de fato, “o Espírito de Deus enche o mundo” (*Sab* 1, 7).

Aqueles que esperavam *no Cenáculo de Jerusalém, juntamente com Maria*, o dia do Pentecostes,

já tinham experimentado o que eram estes “tempos novos”. Sob a inspiração do Espírito da verdade, eles devem sair do Cenáculo, para, em união com este Espírito, darem testemunho de Cristo crucificado e ressuscitado (cf. *Jo* 15, 26-27). Por este fato, eles devem revelar Deus que, como amor que é, abrange e permeia o mundo; devem convencer a todos de que com Cristo estão chamados a “morrer” na potência da sua morte, para com Ele ressuscitem para a vida escondida como o mesmo Cristo em Deus.

É isto exatamente que constitui o próprio núcleo da missão apostólica da Igreja. Os Apóstolos, que saíram do Cenáculo no dia do Pentecostes, tornaram-se princípio da Igreja, que é toda ela, como conjunto, apostólica e permanece constantemente no estado de missão (*in statu missionis*). Nesta Igreja, cada um recebe, já no sacramento do Batismo e depois no da Confirmação, a vocação que — como foi recordado pelo Concílio — é por natureza vocação para o apóstolado (7).

O Ano Mariano teve início na solenidade do Pentecostes, para que todos, juntamente com Maria Santíssima, se sintam convidados para o Cenáculo, ponto de partida de *tudo o caminho apostólico da Igreja, de geração em geração*. Entre os convidados, evidentemente, encontrais-vos vós, amados Irmãos e Irmãs, que, sob a ação do Espírito Santo, haveis construído a vossa vida e a vossa vocação sobre o princípio de uma consagração especial, de uma dedicação total a Deus:

Este convite para o Cenáculo do Pentecostes significa que deveis *renovar e aprofundar a consciência da vossa vocação* em duas direções: a primeira é constituída pela consolidação daquele apostolado que está contido na própria consagração; e a segunda, pelo reavivamento das multiformes tarefas apostólicas que derivam dessa consagração, no quadro da espiritualidade e das finalidades quer das vossas Comunidades e dos vossos Institutos, quer das vossas pessoas singularmente consideradas.

*Procurai encontrar-vos com Maria Santíssima* no Cenáculo do Pentecostes. Ninguém melhor do que Ela vos aproximará desta visão salvífica da verdade sobre Deus e sobre o homem, sobre Deus e sobre o mundo, que está contida nas palavras de São Paulo: De fato, “vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”. São palavras que encerram o paradoxo e, ao mesmo tempo, o próprio núcleo da mensagem evangélica. Vós, amados Irmãos e Irmãs, como pessoas consagradas a Deus, dispondes de qualidades especiais para aproximar dos homens este paradoxo e esta mensagem evangélica. Vós tendes aliás a função especial de dar a entender a todos — a partir do mistério da Cruz e da Ressurreição — até que ponto o mundo e tudo o que foi criado estão “em Deus”; até que ponto n’Ele “nós vivemos, nos movemos e existimos”; *até que ponto este Deus, que é amor, abrange todos e tudo*; e até que ponto, enfim, “o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo

Espírito Santo, que nos foi dado” (Rom 5, 5).

Cristo “*escolheu-vos do mundo*”; e o mundo tem necessidade da vossa escolha, muito embora dê a impressão, algumas vezes, de ser absolutamente indiferente em relação a ela e de não lhe dar importância alguma. Sim, o mundo tem necessidade do vosso “esconder-vos com Cristo em Deus”, embora critique por vezes as formas da clausura monástica. Com efeito, é precisamente na força que há neste “esconder-vos” que vós podeis, com os Apóstolos e com toda a Igreja, assumir como própria a mensagem da Oração sacerdotal do nosso Redentor: “Assim como tu (Pai) me enviaste ao mundo, *também eu os envie* ao mundo” (Jo 17, 18). Vós participais nesta missão, na missão apostólica da Igreja (8). Vós participais nela de uma maneira singular, exclusivamente vossa, de acordo com o vosso “próprio dom” (cf. 1 Cor 7, 7). Participa nela cada um e cada uma de vós; e nela participa tanto mais, quanto mais a sua vida “estiver escondida com Cristo em Deus”. Está aqui a própria fonte do vosso apostolado.

Esta “modalidade” fundamental do apostolado não pode ser *substituída apressadamente, conformando-se à mentalidade deste mundo* (cf. Rom 12, 2). É bem verdade que muitas vezes vós experimentais que o mundo ama “o que é seu”: “Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu” (Jo 15, 19). Foi Cristo, efetivamente, quem vos “escolheu do mundo”; e escolheu-vos “para que o mundo seja salvo

por Ele” (Jo 3, 17). Por este motivo, exatamente, não podeis abandonar o vosso “esconder-vos com Cristo em Deus”, uma vez que isso é uma condição insubstituível para que o mundo creia no poder salvífico de Cristo. Um tal “esconder-vos”, que deriva da vossa consagração, faz de cada um e de cada uma de vós pessoas críveis e *límpidas*. E isto não fecha, mas, pelo contrário, abre “o mundo” diante de vós. “Os conselhos evangélicos” de fato — como tive ocasião de vos dizer na Exortação Apostólica *Redemptio- nis Donum* — “com a sua finalidade essencial, servem para o renova- mento da criação: o mundo, graças a eles, deve ser submetido ao homem e a ele restituído, de maneira a fazer com que o mesmo ho- mem seja perfeitamente doado a Deus” (9).

A participação na obra de “cres- cimento marial” de toda a Igreja, como fruto principal do Ano Ma- riano, revestirá modalidades e ex- pressões diversas, segundo a voca- ção peculiar de cada Instituto; e será tanto mais frutuosa, quanto mais os mesmos Institutos agirem com fidelidade ao seu dom especí- fico.

a) “Os institutos que *se dedicam inteiramente à contemplação*, de tal modo que os membros se ocupam só de Deus, na solidão e no silen- cio, na oração assídua e na peni- tência intensa, embora a necessida- de do apostolado ativo seja urgen- te, conservam sempre — recorda-o o Concílio Vaticano II — um lugar proeminente no Corpo místico de Cristo” (10).

Pois bem, ao fixar Maria, neste especial Ano de graça, a Igreja sen- te-se particularmente devedora de consideração e respeito pela rica tradição de vida contemplativa, que homens e mulheres, fiéis a este ca- risma, souberam instaurar e alimen- tar para benefício da Comunidade eclesial e para o bem de toda a so- ciedade dos homens. A Virgem San- tíssima teve uma fecundidade espi- ritual tão intensa, que A tornou Mãe da Igreja e do gênero huma- no. No silêncio, na escuta assídua da Palavra e com a sua união ínti- ma com o Senhor, Maria tornou-se instrumento de salvação, ao lado do seu divino Filho Jesus Cristo. Ani- mem-se, pois, todas as almas con- sagradas à vida contemplativa, da- do que a Igreja e o mundo — mundo que a Igreja deve evangeli- zar — recebem não poucas luzes e força do Senhor, em virtude da sua vida escondida e orante; e, seguin- do o exemplo da Serva do Senhor, de humildade, de escondimento e de comunhão contínua com Deus, avivem o amor à própria vocação de almas consagradas à contempla- ção.

b) E todos aqueles, dentre os Religiosos e as Religiosas, que *se dedicam à vida apostólica*, à evan- gelização ou às obras de caridade e de misericórdia, têm em Maria o modelo do genuíno amor para com Deus e para com os homens. Se- guindo-o, com generosa fidelidade, conseguirão dar uma resposta às exigências da humanidade que so- fre por motivo da falta de certeza, de verdade e do sentido de Deus; ou então, se encontra angustiada

por causa das injustiças, das discriminações, das opressões, das guerras e da fome. Com Maria, não-de saber compartilhar o destino dos seus irmãos e ajudar a Igreja a estar disponível sempre, no seu serviço para a salvação do homem, com que ela se encontra hoje no seu caminho.

c) Os membros dos Institutos Seculares, ao viverem a sua vida quotidiana no meio das diversas categorias sociais, têm também eles em Maria o exemplo e a ajuda para proporcionar às pessoas, com as quais partilham as condições de vida no mundo, isto: o sentido da harmonia e da beleza de uma existência humana, que será tanto mais esplêndida e tanto mais alegre, quanto mais estiver aberta para Deus; o testemunho de uma existência vivida para edificar, promovendo o bem, comunidades cada vez mais dignas da pessoa humana; a comprovação de que as realidades temporais, se forem vividas com a força do Evangelho, podem vivificar a sociedade, tornando-a mais livre e mais justa, para benefício de todos os filhos de Deus, Senhor do universo e Doador de todos os bens. E terá base nisto o cântico que o homem poderá elevar a Deus, como fez Maria, reconhecendo-o onipotente e misericordioso.

Assim, se intensificardes o empenho por viver integralmente a vossa consagração, com o olhar fixo no modelo sublime d'Aquela que foi perfeitamente consagrada a Deus, a Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, a eficácia do vosso testemunho evangélico aumentará e, como conse-

quência disso, tirará proveito a *pastoral das vocações*.

É certo que hoje não poucos Institutos sentem muito a falta de vocações; e, em muitas partes da Igreja, adverte-se a necessidade de haver maior número de vocações para a vida consagrada. Pois bem, o Ano Mariano pode marcar um despertar de vocações, graças a um recurso a Maria Santíssima mais confiante, como se recorre à mãe que providencia às necessidades da família, e graças a um aumento sentido de responsabilidade de todos os setores e membros da Comunidade eclesial, pelo que respeita à promoção da vida consagrada.

## Conclusão

No Ano Mariano todos os cristãos são chamados a meditar, segundo o pensamento da Igreja, na *presença da Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja* (11). A presente Carta pretende ser um encorajamento, no sentido de meditardes sobre esta presença nos vossos corações, na história da vossa alma e da vossa vocação pessoal; e, ao mesmo tempo, encorajamento a fazer-se esta meditação nas Comunidades religiosas, Ordens, Congregações e nos Institutos Seculares.

O Ano Mariano tornou-se, podemos bem dizê-lo, o *tempo de uma "peregrinação" singular*, na esteira d'Aquela que "precede" na peregrinação da fé todo o Povo de Deus: precede todos e ao mesmo tempo cada um e cada uma. Esta peregrinação tem muitas dimensões e âmbitos: nações inteiras e até mesmo

continentes reúnem-se nos Santuários marianos, sem falar já do fato que cada um dos cristãos tem o seu santuário "interior"; no qual Maria Santíssima lhe faz de guia no caminho da fé, da esperança e da união amorosa com Cristo (12).

Com freqüência sucede que as Ordens, as Congregações e os Institutos, com as suas experiências, por vezes seculares, têm também os seus Santuários, "lugares" da presença de Maria, aos quais anda ligada a sua espiritualidade e até mesmo a história da sua vida e missão, na Igreja. Estes "lugares" recordam os mistérios particulares da Virgem Mãe, as qualidades e os acontecimentos da sua vida, bem como os testemunhos das experiências espirituais dos Fundadores; ou então as manifestações do seu carisma, que depois passou a ser da inteira comunidade.

Neste Ano, procurai ser particularmente assíduos a estes "lugares", a estes "Santuários". Ide buscar aí novas forças e as vias para uma renovação autêntica da vossa vida consagrada, bem como linhas e

métodos acertados de apostolado. *Procurai neles a vossa identidade*, como aquele pai de família, homem sábio, que "tira coisas novas e coisas velhas do seu tesouro" (cf. *Mt* 13, 52). Sim! Procurai junto de Maria a vitalidade espiritual e rejuvenescei com Ela! Rezai pelas vocações! E, por fim, "fazei o que Ele (Cristo) vos disser", como a Virgem Maria sugeriu em Caná da Galiléia (cf. *Jo* 2, 5). É isso que espera de vós e é isso que deseja para vós Maria, Esposa mística do Espírito Santo e nossa Mãe. E, mais ainda, exorto-vos a corresponderdes a este desejo de Maria Santíssima com um ato comunitário de entrega confiante, que será exatamente "a resposta ao amor da Mãe" (13).

Neste Ano Mariano, também eu confio a Nossa Senhora, de todo o coração, cada um e cada uma de vós, assim como as vossas comunidades; e abençôo-vos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 22 de maio — Solemnidade do Pentecostes — do ano de 1988, décimo do meu Pontificado.

## NOTAS

(1) Cf. Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen Gentium*, nn. 58; 63. (2) Cf. *I religiosi sulle orme di Maria*, Ed. Vaticana, 1987. (3) Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen Gentium*, n. 44; Decr. sobre a renovação da vida religiosa *Perfectae Caritatis*, nn. 1; 6; C.I.C. can. 573 § 1; 607 § 1; 710. (4) Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen Gentium*, n. 58. (5) Carta Enc. *Redemptoris Mater* (25 de março de 1987), n. 18: *AAS* 79 (1987), p. 383. (6) Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm.

sobre a Igreja *Lumen Gentium*, n. 19. (7) Cf. Dec. sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam Actuositatem*, n. 2. (8) Cf. C.I.C., can. 574 § 2. (9) Exort. Apost. *Redemptionis Donum* (25 de março de 1984), n. 9: *AAS* 76 (1984), p. 530. (10) Decr. sobre a renovação da vida religiosa *Perfectae Caritatis*, n. 7. (11) Cf. Conc. Ecum. Vaticano II, Const. dogm. sobre a Igreja *Lumen Gentium*, cap. VIII, nn. 52-69. (12) Cf. *ibid.*, nn. 63; 68. (13) Carta Enc. *Redemptoris Mater* (25 de março de 1987), n. 45: *AAS* 79 (1987), p. 423. □

# IGREJA, CULTURA, LIBERTAÇÃO

Marcello de Carvalho Azevedo, S.J.

É um desafio articular as três palavras deste título a mim solicitado. Na sua realidade e significação, *Igreja, Cultura, Libertação* são hoje temas de extraordinário alcance e atualidade. Cada um destes termos sugere e, de fato, abarca um universo complexo de acontecimentos e iniciativas, de dados e fatos, de idéias e conceitos, de textos e contextos, de fortes impactos sobre o mundo concreto e de uma imensa produção bibliográfica. Em vista, pois, de uma contribuição séria, é indispensável delimitar o campo, reduzir o foco, precisar a semântica, definir o ângulo da aproximação.

De um ponto de vista *teológico e antropológico-cultural*, pretendo refletir sobre o alcance, para a evangelização do mundo atual, da correlação e interação da *Igreja, Cultura e Libertação*. Meu enfoque será sincrônico, isto é, orientado à percepção e interpretação do momento que vivemos nesta década de 80. Não pretendo aqui reconstruir diacronicamente o processo histórico que gestou esta realidade. Este foco será, porém, prospectivo. Ele não quer fechar-se ou exaurir-se no presente. Abre-se, antes, para um futuro que nos espera. Está de algum modo ao nosso alcance construí-lo, como mundo e como Igreja-neste-e-para-este-mundo. *Metodologicamen-*

*te*, tentarei desenvolver a reflexão tendo presente, é claro, o conjunto de — Bíblia, Tradição e Magistério — (vertente teológica) e os dados comprováveis de realidade (vertente antropológico-cultural), sem a preocupação, porém, de respaldar o que afirmo pela alusão explícita à documentação de autoridade. Consciente também do cunho interdisciplinar deste ensaio, respeitarei, sem confundí-los, os métodos e epistemologias respectivas da teologia e da antropologia-cultural. Por razões de espaço, reduzo ao máximo as notas ao pé da página.

## Igreja

Tomo aqui Igreja, especificamente, como a Igreja Católica Romana. Nesta, porém, considero inclusivamente o Povo de Deus como um todo, na multiplicidade de seus dons e carismas, de suas vocações, ordens e ministérios, de sua responsabilidade, diversificada mas comum, em relação à *missão eclesial de evangelizar*. A Igreja se encontra hoje frente a três realidades características do momento atual, que, entre outras, têm impacto direto sobre a evangelização. Refiro-me à experiência e consciência de uma *Igreja Mundial*; à presença planetária da *cultura moderno-contemporânea*; ao crescente ressurgir e reafir-

mar-se das *identidades culturais*. Estes três dados contrastam, em grau maior ou menor, com os traços que marcaram Igreja e Mundo, em um passado recente ou distante, que não pretendo aqui analisar.

Olhando para si mesma, a Igreja se descobre como uma Igreja efetivamente *mundial*, na sua presença, na sua reflexão e ação e na sua representação. Universal, por vocação e missão, a Igreja manteve por séculos este seu atributo, real em plano teológico, mas apenas potencial, geográfica e culturalmente. Neste sentido, por muito tempo, ela foi universal, sem ser mundial. Hoje, ela é mundial, pois efetivamente presente por toda parte. Mundial, porque sensível, em sua reflexão e ação, à complexa diversidade dos povos, das instituições, das situações, dos processos e concepções, dos usos e costumes, da variedade, enfim, do étos cultural (1), que o tempo tornou possível numa história multi-milenar desta comunidade *una e não uniforme* que é a humanidade. Mundial, enfim, porque, depois de séculos de hegemonia etnocêntrica do paradigma cultural-elesiástico de extração ocidental, europeu e marcadamente mediterrâneo, a Igreja como um todo, nas suas instâncias de reflexão, decisão e ação, se enriquece com a contribuição efetiva e significativa de pessoas, de dados reais e de idéias que lhe advêm dos vários cantos do mundo

*No plano hierárquico*, as viagens pontificias, em suas fases de preparação e execução, criam condições de um fluxo e refluxo interativo

entre as Igrejas Locais e Roma. Ainda que teologicamente modelado pelo pensamento europeu, o *Concílio Vaticano II*, mais do que qualquer outro na história da Igreja, registrou, de fato, uma representação plena e ativa do Episcopado mundial. O desdobramento desta presença foi potenciado pelas instâncias que o Concílio criou ou valorizou. Destaco entre estas o relevo dado às *Igrejas Locais*, enfatizadas precisamente em função de suas identidades concretas; os *Sínodos Mundiais dos Bispos*, como auscultação, pelo Papa, dos Episcopados, enquanto representativos da diversidade das Igrejas Locais, na unidade da Igreja Universal que vive em todas elas; as *Conferências Episcopais Nacionais ou Regionais*, por sua vez, catalisam a consciência de afinidade e corresponsabilidade entre as Igrejas Locais, aprimoram a sensibilidade às necessidades peculiares de suas populações e dinamizam, no respeito à individualidade de cada Igreja, um planejamento pastoral coordenado e integrado. O *Colégio Cardinalício* viu-se sempre mais enriquecido em sua dimensão internacional, não só em termos de extensão dessa dignidade a maior número de Igrejas, como pela mais ampla contribuição do serviço prestado à Igreja, na Cúria Romana.

*No plano não hierárquico*, cresceu e qualificou-se sensivelmente a contribuição de religiosos, religiosas e leigos, como resultado do aprofundamento de suas vocações respectivas e da diversificação maior dos serviços e ministérios a eles atribuídos. Intensificou-se a colaboração pastoral dos religiosos. Ampliou-se

a difusão de movimentos apostólicos supra-nacionais (Cursilhos, Renovação Carismática, Equipes e Encontros de Casais, etc.) e o dinamismo das comunidades eclesiais de base, ambos como forma ativa de educação e vivência da fé e de presença cristã de leigos no mundo, em união com seus Pastores, mas em fidelidade específica à sua vocação laical.

Olhando para o mundo atual, a Igreja se encontra com o fenômeno inequívoco da *planetarização da cultura moderno-contemporânea*, cultura de estrutura sobremaneira complexa. Essa se formou lentamente a partir da Idade Média, devido sobretudo a três fatores seminais: a integração do conhecimento pluri-cultural de procedência grega, romana, judeo-cristã, árabe e européia, que teve no cristianismo o catalizador de grandes sínteses, decisivas na formação das racionalidades de fundo da cultura moderna; a crescente autonomia do indivíduo face ao seu grupo em todos os níveis; a desvinculação da dimensão econômica em relação ao conjunto quasi-sistêmico dos vários domínios que se compunham na estrutura das culturas não-modernas. Esta dissociação teve ponderáveis conseqüências sobre a estrutura política, religiosa, ética e normativa das sociedades emergentes. O conjunto moderno-contemporâneo como cultura definiu-se sempre mais e afirmou-se pelas revoluções científico-tecnológica, industrial, eletrônica, biogenética e informática; pelo Renascimento e Iluminismo, pelo Liberalismo e Marxismo; pelas Revoluções

Francesa, Americana e Soviética; pela filosofia a partir de Descartes e pelas ciências naturais e sociais; pela ideologia econômica que, arrancando com a revolução monetária e mercantil, de raízes medievais, vai encontrar sua tematização teórica do século 18 em diante, de Mandeville a Marx, de Adam Smith a Milton Friedmann pelos sistemas sócio-políticos e econômicos de cunho capitalista ou socialista, em todas as versões, matizes e modelos de sua concretização histórica, nos últimos dois séculos especialmente; pela expansão colonial e pela pressão neo-colonial mais recente, esta sobretudo de cunho econômico, político ou militar.

Ao longo de todo este processo, firmou-se a distinção e separação das áreas do todo sócio-cultural (o econômico, o político, o jurídico, o religioso, o científico, o artístico, etc.), passando cada uma a evoluir por sua conta. Geraram-se assim universos distintos e, não raro, estanques, com diversas epistemologias e metodologias, vocabulários e discursos, códigos e símbolos, rompendo a unidade cultural totalizante e orgânica do não-moderno. Daí a caracterização fragmentária e pluralista da cultura moderna. Daí a autonomia do homem e das instituições da sociedade em relação à componente religiosa. Esta, ainda quando não negada, perdeu sua hegemonia de legitimação ou de fonte primeira de inteligibilidade, de valores e de critérios. De um ponto de vista analítico-abstrato, o moderno em relação ao não-moderno representa uma das mais nítidas rup-

turas culturais da história humana. Pelo ângulo histórico-real, porém, a formação e desdobramento da cultura moderno-contemporânea é menos uma ruptura instantânea do que um processo diuturno, ao que parece irreversível, que traz consigo a secularização (2) do homem e das instituições, o pluralismo cultural e axiológico da sociedade e o confronto das ideologias. Entendo-as aqui especificamente como a exacerbação de visões parciais de mundo que se dão foros absolutos de universalidade. Inegavelmente, elementos modernos e não-modernos conviveram ao longo dos últimos sete séculos e continuam como fios que se entrecruzam no tecido real das sociedades atuais em toda a parte, em que pese a ampla difusão da modernidade como cultura.

A planetarização da cultura moderno-contemporânea se apoia principalmente no seu potencial filosófico de universalização; no processo educativo, fundado no método científico e na linguagem matemática; na difusão dos padrões científicos de pesquisa, industriais de produção, comerciais de consumo; na implantação e transferência de tecnologias interdependentes; a internacionalização da comunicação e na cobertura mundial da informação; no acelerado desenvolvimento e padronização da informática e na capilar absorção por ela de sistemas nevrálgicos para o funcionamento e controle subsidiário das sociedades de macro-escala.

Olhando ainda o mundo atual, a Igreja se encontra com um proces-

so divergente que se contrapõe à índole abrangente do fenômeno que acabamos de descrever. A realidade mundial está hoje marcada pela volta, acentuada em muitas partes, da consciência das *identidades culturais*. Reprimidas pelo processo colonial, desfiguradas pela invasão do moderno-cultural, humilhadas pela sujeição político-militar, minimizadas ou descartadas pelos uniformes métodos religiosos de evangelização, educação e organização, as culturas de muitas faces voltam hoje, surpreendente e vigorosamente, ao palco da humanidade. Trazem a convicção da dignidade de sua gente e da riqueza de seus patrimônios. Decidem-se a desempenhar os seus papéis no contexto hegemônico das culturas dominantes. Restabelecem direitos perdidos. Advogam para seus filhos a fidelidade à sua própria história. No conflito, não raro inevitável, amargam violências sofridas e tendem a compensá-las com cruentas escaladas. Por aí tem passado aos nossos olhos o ressurgir de várias facções da nação árabe, a partir de leituras diversas de sua inspiração religiosa. Afirma-se a retomada cultural da África e de algumas tradições maiores na Ásia. Reforçam-se as pressões culturais dos Bascos, dos Catalães e de outras minorias, no seio de Estados Nacionais criados na era moderna. Por aí, não menos, reviveram bolsões étnicos, acuados por séculos, ou tradições locais esquecidas ou discriminadas. Por aí, criou-se o movimento indigenista na América Latina; consolidou-se a consciência negra e feminina, um pouco por toda parte; irrompeu, por dentro

mesmo da cultura moderno-contemporânea, o movimento cultural ecologista. Com efeito, o recrudescer das identidades culturais não é só um dado geograficamente localizável. É também o surto cultural de importantes segmentos sem fronteiras, como é o caso das mulheres, dos negros, dos pobres, dos camponeses e operários, dos jovens e dos "verdes". Aqui não se traçam limites nem se levantam barreiras alfandegárias. Há antes como que uma impressionante cidadania universal destes grupos imensos, que neles gera os mesmos sentimentos, codifica a mesma linguagem e se bate pelas mesmas causas, em qualquer horizonte e latitude.

A Igreja, que é e sempre foi Universal e Particular, mas se faz agora *mundial* nestes dois níveis, é parte de um mundo marcado por esta dupla tendência contrastante da *planetarização de uma cultura* e do *reviver de muitas culturas*. O primeiro fenômeno levou alguns a pensar ou na supressão das demais culturas que não a moderno-contemporânea ou na construção imperativa de uma civilização universal. O segundo fenômeno traz a recuperação de valores humanos fundamentais; mas não raro é visto com inquietação e relutância, pelo seu impulso heterogêneo e seu caráter dispersivo, que ameaçam os padrões uniformes de ser, de pensar e de agir, penosamente conquistados ou impostos e rapidamente arvorados por seus fautores em ordem estabelecida. Na correlação e interação desta Igreja e deste Mundo, está hoje o grande desafio da evangelização.

## Cultura

Neste contexto de Igreja e Mundo, assim como acima descrito, é fundamental entender-nos sobre o termo *cultura*. Um dos mais significativos desenvolvimentos pós-conciliares é precisamente o amadurecimento da consciência eclesial em relação à cultura. A estrutura interna do Concílio Vaticano II se constrói sobre a percepção da realidade eclesiológica de si mesma pela Igreja. Ela o expressa em *Lumen Gentium* e o completa com os demais documentos conciliares que gravitam em torno desta Constituição Apostólica. Mas essa estrutura conciliar não involui sobre a Igreja. Abre-se, pelo contrário, a essa dimensão desafiante de sua missão hoje que é a relação da Igreja ao mundo moderno-contemporâneo. Disto se ocupou a Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, na qual tem grande relevo a consideração da cultura, termo empregado aí em diversas acepções.

O estudo e aplicação sucessivos da documentação conciliar em distintas regiões, haveria de iluminar e enriquecer por outros ângulos a problemática de evangelização e cultura assim como tratada pelo Concílio. Não é possível elencar todos os grandes marcos desta caminhada. Mas tampouco se pode omitir aqui o Sínodo Mundial de 1974 sobre a Evangelização do Mundo Contemporâneo, ao qual se seguiu a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI, em 1975, carta magna da relação de fé e cultura no mundo atual. Por aí germi-

nou a perspectiva missiológica da inculturação da fé, que iria logo mais fazer-se presente, embora de modo ainda incipiente, no Sínodo Mundial sobre a Catequese, em 1977, e na subsequente Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, de 1979. A carta do Padre Pedro Arrupe à Companhia de Jesus sobre a inculturação, em 1878, por um lado, e o Documento final da III Assembléia do Episcopado Latino-Americano, reunido em Puebla, no México, em 1979, constituem dois laços significativos na expressão da sensibilidade à cultura como indispensável componente do processo de evangelização. Nesse contexto de tanta vitalidade teológica e pastoral, foi se firmando a tematização da teologia da inculturação, sobretudo em relação a sociedades de evangelização recente ou ainda não evangelizadas. No pontificado de João Paulo II, em meio a um vasto conjunto de textos e iniciativas, destaco o Discurso do Santo Padre à UNESCO, em Paris, em 1980, a criação do Pontifício Conselho para a Cultura, em 1982, bem como os diversos pronunciamentos atentos à dimensão cultural, por ocasião das visitas pontifícias.

Tendo presente todo este imenso acervo de referências à relação entre fé e cultura ou, explicitamente, evangelização da cultura e das culturas, defrontamo-nos com o problema semântico da significação de *cultura*. Não é possível tratar exaustivamente aqui este tema (3). Sublinho duas ordens de observação, importantes para o objeto deste ensaio, que é a correlação e interação

de *Igreja, Cultura e Libertação*, na evangelização do mundo atual.

*Primeira observação:* não podemos reduzir a conceituação de cultura nesse contexto, ao enfoque *humanista* e/ou *etnológico*. A noção *humanista* de cultura ressalta sobretudo o cultivo do espírito, a ação e os recursos intelectuais e morais das pessoas e dos grupos humanos, em todos os níveis — literário, artístico, filosófico, científico, etc. — que vão legando à humanidade e aos vários povos seus patrimônios culturais (4). O conceito *etnológico* de cultura centra-se no próprio grupo humano que oferece um conjunto individuado do seu modo de viver e comunicar-se (5). A etnografia provê a etnologia com os elementos de documentação e descrição, para a sua pesquisa e reflexão, interpretação e comparação. Tampouco basta o enfoque puramente *antropológico-cultural* assim como registrado em suas quatro maiores direções nas últimas quatro décadas (6). Uma aproximação vê as culturas como sistemas permanentes de *adaptação*. Por um ângulo arqueológico ou ecológico, dá-se o primado na conceituação de cultura, aos fatores econômicos e a seus correlatos sociais (7). Um outro enfoque percebe a cultura como sistema *cognitivo* e dá ênfase às componentes lingüísticas e/ou psico-sociais dos grupos humanos (8). O substrato de certos domínios culturais — mito, arte, parentesco e língua sobretudo — revelam uma ordem padronizada, numa lógica de contrastes binários, e de processos cumulativos da mente humana, que conduzem a uma outra visão, à con-

cepção *estruturalista* da cultura (9). Finalmente, em certa relação com as duas precedentes, mas nitidamente distinta de ambas, a cultura é vista como sistema *simbólico e significativo* (10). Não é aqui a sede para discutir cada um destes itens e outros eventuais. É importante, porém, tê-los presentes. Isto evita o simplismo de certa bibliografia que sugere ser *cultura* um conceito ou realidade liminar-fundamental, acessível a todos e de domínio público que dispensa, portanto, maior rigor e precisão (11).

Para uma conceituação de cultura que atende aos *requisitos teológicos da inculturação da fé* parece-me importante, por um lado, incorporar vários dos elementos das concepções de cultura acima elencadas, especialmente as que se prendem à *antropologia cultural* que, por sua vez, como que engloba, sem nela se exaurir, a versão *etnológica* de cultura. Por outro lado, e em um nível ontológico, deve-se pressupor um enfoque *filosófico* que torne inteligível a conexão entre a unidade da realidade humana e a diversidade de sua expressão cultural, faça compreender a coesão dos vários aspectos da realidade cultural e explique a relação entre cultura e culturas e das culturas entre si (12).

Tendo presente todos estes pressupostos e condições, e após discutí-los longamente e em pormenor numa obra recente, tentei oferecer uma conceituação operativa de *cultura* (13). Procuro levar em conta as exigências da antropologia cultural e da filosofia e preencher os requisitos para a sua aplicação ao

problema teológico da inculturação da fé, sobretudo na sua implicação sobre o problema da unidade na diversidade, que é de tanta importância para a Igreja. *CULTURA* é o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, *incorporados e subjacentes* aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo humano ou sociedade concreta. Este conjunto, consciente ou inconsciente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo.

A verificação e justificação crítica, por partes, de cada um dos elementos desta proposição nos permite perceber que ela responde plenamente à conceituação implícita de Paulo VI, na *Evangelii nuntiandi*, quando ele nos fala da evangelização da cultura e das culturas, não superficialmente, mas ao nível profundo de suas raízes (EN n. 20). No processo de evangelização inculturada, trata-se, pois, de ir para além da adaptação ou acomodação ao nível fenomenológico-descritível da cultura. Deve-se atingir o que está subjacente a este plano, pois aí se manifesta propriamente a identidade da cultura. Esta concepção da cultura não só cobre as culturas no âmbito geográfico, como também as culturas ambientais transgeográficas a que acima aludimos, como a cultura da mulher, do negro, do jovem, etc.

A *segunda observação* se prende ao fato, comum na bibliografia in-

tra- e extra-eclesial recente, de opor entre si *cultura e sociedade*, de privilegiar o tratamento de uma em oposição a outra, de desvincular uma da outra. Antes de focalizar este problema, intimamente ligado à concepção de cultura no contexto da evangelização, pode ajudar-nos abordar logo o terceiro elemento proposto para este ensaio: *libertação*.

## Libertação

A missão evangelizadora da Igreja inspira-se necessariamente na missão de Jesus Cristo. Por seu mandato e pela força do Espírito, dá-lhe seqüência através dos tempos. Por Jesus, Deus se nos torna acessível. Sua iniciativa de Pai se manifesta na configuração da *missão* do Filho e se estende de ponta a ponta sobre a realidade histórica e teológica de Jesus de Nazaré, do Cristo ressuscitado. Ele vem para resgatar do pecado, em todas as suas formas e expressões, individuais e sociais, os homens de todos os tempos e de todas as latitudes. Por uma parte, a sua é uma missão de *redenção e salvação*, cuja inspiração e plena realização está fora do alcance do poder dos homens e é expressão da gratuidade do amor do Pai. Por outra parte, Jesus vem também para dar a *conhecer* aos homens este Deus que é *seu* Pai e que, por ele, Jesus, nos faz saber também ser *nosso* Pai. É uma missão de *revelação* e de *adoção*, que transcende não menos qualquer pretensão possível, expectativa e capacidade humana. Por suas duas vertentes, portanto, Jesus Cristo, em

sua realidade humana de Filho e em sua missão em nosso favor, é um dom gratuito do amor a nós deste Deus que é nosso Pai. Ao revelar-nos o Pai, Jesus não só nos traz a notícia de nossa filiação. Ele concretiza em si o dom de nossa adoção, iniciativa do Pai, mediação do Filho e ação em nós do Espírito Santo (Mt 11, 25-27; Lc 10, 21-22; Jo 1, 18; 5, 5-13; 14, 16-17; 16, 6-15; Gal 4, 4-7; Rom 5, 1; 8, 9-16; 1 Cor 1, 4-9; 2, 10-13; Ef 1, 13; 3, 5.14; 2, 17; 1 Tim 2, 3-6).

Este mistério se afirma no plano individual de cada um, que Deus chama pelo próprio nome. Não menos se estende, porém, ao âmbito global da humanidade, vocacionada sem restrições de tempo, de espaço ou de cultura. Desta vocação e desta libertação, a eleição específica de Israel e a aliança com ele, nos foi dada por Deus na História da Salvação, com sinal e exemplar limitado da perspectiva sem fronteiras que em Jesus Cristo se abriu à humanidade toda como Povo de Deus.

Esta missão atua a nossa *libertação*. Pela redenção, liberta-nos do pecado. Pela revelação do Pai, liberta-nos de toda falsa ou truncada relação a Deus. Pela filiação adotiva, liberta-nos para o consciência de nossa plena igualdade de filhos no Filho, com todas as conseqüências para a configuração das relações inter-pessoais entre nós. Nestes três níveis — redenção, revelação, adoção — que integram a missão libertadora de Jesus Cristo, é clara a índole gratuita do dom. Não é menos evidente, porém, a respon-

sabilidade de cada pessoa e da comunidade humana, no acolher este dom e traduzí-lo na vida. Esta tensão esteve presente ao longo de toda a vida de Jesus, no mistério de sua aceitação e rejeição, que pervade o relato evangélico e o conjunto do Novo Testamento.

Numa plena perspectiva soteriológica, pois, a salvação ou redenção não será adequadamente entendida apenas pelo lado do dom divino, isto é, como resgate do pecado pela iniciativa de Deus e Sua disponibilidade para a aliança de amor com os homens, em e por Jesus Cristo. Tampouco pode ser vista só num sentido diretamente antropológico, mas não suficientemente existencial, ou seja, salvação como plenitude da liberdade humana e abertura total para o absoluto, teleologicamente orientada, pois, para o futuro escatológico e definitivo do homem. Salvação se compreende ademais como a exigência paulina de que os homens também respondam e se aliem a Deus no Seu projeto de libertação do homem das conseqüências do pecado (Rom 2 e 7). Elas marcam pela história afora não só a vida individual, mas sobretudo a realidade sócio-cultural do mundo que os homens constroem. Esta visão soteriológica esteve menos presente numa leitura da missão de Jesus Cristo, restrita mais à salvação e redenção espiritual do indivíduo. A perspectiva soteriológica da *libertação* assume e envolve a salvação e redenção que nos é dada a cada um e a todos em Jesus Cristo. Mas ao falar de *libertação*, incorpora-se também esta outra di-

mensão. Torna-se explícita a responsabilidade e o compromisso dos homens, em força da fé e em resposta ao dom, de abrir-se à conversão do coração do homem como pessoa mas, não menos, de empenhar-se a fundo na transformação também do quadro real do mundo em que ele vive. Trata-se de criar um homem novo, na expressão de São Paulo (Ef 3, 14-21; 4.16.24; Rom 13, 14; 6, 3-4; Col 2, 7.9; Gal 2, 4; Fil 1, 3-11), mas também uma nova sociedade, fundados sobre o amor, a liberdade e a justiça.

Há aqui uma primeira ênfase sobre o fato de que os próprios homens são parte ativa no processo de libertação na história. São os agentes de transformação para o bem, como foram fatores de deformação do plano de Deus, através do seu pecado de homens. Mas há também uma segunda percepção de não menor relevância. Existe uma interrelação profunda entre o pecado da pessoa ao nível individual e o pecado que marca a organização da estrutura sócio-cultural. Há uma influência mútua de um sobre o outro. À medida que as pessoas e grupos humanos crescem e se educam num contexto sócio-cultural preciso, torna-se maior o influxo deste sobre a formação das consciências individuais. Cada vez mais o indivíduo percebe menos os desvios de um sistema social injusto ou os limites culturais dentro do qual se encontra. A pessoa se faz, portanto, sempre menos sensível, no plano privado, à índole de pecado e/ou de cumplicidade que se inscreve, por ação ou omissão, em seu

próprio proceder de pessoa neste contexto global! É sempre mais difícil, pois, a conversão individual do coração sob as pressões de um universo envolvente que não se converte. Sempre menos consciente e mais indefeso se torna o indivíduo face à poderosa orquestração do mundo que o cerca. Os vincos ideológicos e a manipulação da informação em macro-escala debilitam e deformam, quando não totalmente anestesiaram a consciência do indivíduo.

À luz deste terceiro termo de nosso tema, *Libertação*, adquire novo relevo quanto acima dissemos sobre *Igreja e Cultura*. O evento salvífico de Jesus Cristo, como vimos, é portador da redenção para cada um e para o mundo inteiro. Ele comporta a plena libertação do pecado. Frisamos já que, por muito tempo, porém, esta foi vista pela Igreja quase só em sua relação à pessoa singular ou ao horizonte de liberdades individuais supostamente autônomos e em boa parte não afetadas, no seu decidir e agir, pelo contexto sócio-cultural que as circunda. Daí a insistência na prioridade não só de importância, mas até mesmo cronológica, da conversão individual do coração, como condição prévia e fator causal da transformação do mundo. Não se contesta a necessidade da superação do pecado a este nível da pessoa, pela força de Jesus Cristo, que suscita e alimenta, pelo Espírito Santo, a resposta do indivíduo, em coerência com o Evangelho. Num mundo interdependente e planetarizado, porém, no qual os modelos de

organização sócio-política se impõem e se polarizam em grande escala de extensão e de profundidade, deixando um espaço mínimo à iniciativa e à movimentação do indivíduo, o pecado e a conversão da pessoa tem, com a superação do pecado inscrito na estrutura do mundo, uma correlação fundamental, que não pode ser negada, nem minimizada.

Quanto mais de perto se sente o impacto deste pecado sócio-cultural estrutural, seja na ação dos que o produzem, seja sobretudo na opressão dos que o sofrem, na pobreza ou na injustiça, tanto mais se intui que a redenção de ambas as concretizações de pecado postula a conversão e a transformação nos dois planos, o do indivíduo e o da configuração da sociedade e da cultura. O potencial redentor do dom de Jesus Cristo abarca uma e outra dimensão. Se antes se insistiu mais ou exclusivamente na perspectiva da pessoa singular, hoje, sem negá-la, é impossível não associá-la à transformação deste universo que condiciona, quando não determina, conscientemente ou não, cada pessoa e os grupos humanos, no contexto interpessoal em que todos vivem.

E aqui não cabe dissociar *sociedade de cultura*, pensar uma independentemente da outra. De fato, toda sociedade se constitui no contexto de uma ou mais culturas. Cultura e sociedade são, de um algum modo, correlatas e certamente se condicionam mutuamente. A cultura busca, em geral, uma forma de expressão societária. Por erro ou pressão, a sociedade pode não cor-

responder à cultura e a tensão entre ambas é fonte de conflito constante. É também possível atuar sobre a sociedade, ignorando ou negligenciando o substrato cultural, seja porque ele não corresponde à índole das transformações desejadas, seja porque estas se pretendem com rapidez, ao passo que o ritmo da cultura é sempre lento e raramente controlável. A experiência eclesial em áreas tão distintas como a Ásia, a África, a América Latina e os países do Primeiro Mundo, revela sempre mais a importância de não dissociar *evangelização da sociedade de evangelização da cultura*. A conceituação de cultura que acima apresentei pretende fugir a esta dicotomia, porque cultura aí co-envolve os elementos estruturais da sociedade, distanciando-se assim da visão "culturalista". A evangelização da cultura a esse nível profundo redundará em positiva mudança da sociedade. A transformação das estruturas sociais à luz do projeto evangélico servirá não menos ao crescimento da cultura, numa perspectiva humano-cristã. A evangelização de cultura e sociedade criam assim o quadro propício à conversão e evangelização das pessoas individuais. Estas, por sua vez, têm por aí novas condições de atuar cristãmente sobre cultura e sociedade.

A *libertação*, portanto, é um entroncamento efetivo da ação de Deus, através do dom do Filho, em Jesus Cristo. Mas ela é também iniciativa e responsabilidade dos homens, na resposta ao dom, em força do Espírito. A *libertação* deve afe-

tar o todo da realidade humana, ao nível da pessoa individual, como da cultura e da sociedade, integrando plenamente fé e vida e abrindo os homens uns para os outros e todos para Deus. Numa comunidade eclesial que se reconhece, a um tempo, como dádiva do Espírito e realidade humana, a *libertação* expressa bem a qualidade e a extensão da missão evangelizadora da Igreja. Enquanto Povo de Deus e através da multiplicidade de vocações, carismas e serviços, essa Igreja é enviada, como Jesus Cristo, para a plena libertação dos homens. Só isto dá sentido e razão de ser à comunidade eclesial.

## Conclusão

O objetivo deste trabalho era refletir, de um ponto de vista teológico e antropológico-cultural, sobre o alcance para a evangelização do mundo atual da correlação e interação de *Igreja, Cultura e Libertação*. A abordagem consecutiva de cada um destes três termos e a consideração de suas implicações constituem já, em boa parte, o preenchimento de tal escopo, ao nível seja da correlação, seja da interação dos três temas. Não pretendo, pois, nesta conclusão, recapitular o caminho feito, mas explicitar apenas, de modo sintético, o que apresentei em clave mais analítica.

A missão de evangelização do mundo atual por uma Igreja efetivamente *mundial*, enfrenta um triplice desafio.

Por um lado, tendo presente o reemergir das *identidades culturais*, a Igreja não pode pretender a uni-

versalização dos padrões de uma só cultura, em base aos quais construa sua unidade sobre a uniformidade. É urgente para a evangelização atual o discernimento dos fatores que tornem viável uma unidade mais profunda na fé, compatível com a diversificação de intuições e expressões culturais do mesmo projeto evangélico. A teologia e a prática pastoral da inculturação, na atuação concreta e pluriforme da relação de fé e cultura, quer ser uma resposta a esta necessidade. Ela o é, na medida em que a inculturação não dissocie cultura de sociedade, nem se limite aos aspectos puramente externos das culturas, mas vá às suas raízes, nos termos de *Evangeliū nuntiandi*, aos quais pretende responder a conceituação de cultura acima oferecida (14).

Por outro lado, é patente a difusão da *cultura moderno-contemporânea*, não só no espaço ocidental de sua origem, como fora dele e até mesmo em culturas não-modernas, ricas e amadurecidas, da Ásia e da África. A Igreja não deve ignorá-la. Não pode tomar diante dela uma posição predominantemente defensiva ou agressiva, sob pena de dissociar-se efetivamente da realidade do mundo e dos homens atuais, aos quais é enviada em força de sua missão. De novo, impõe-se um discernimento que permita criticamente construir sobre essa cultura moderno-contemporânea, sem rejeitá-la em bloco. Muitos de seus valores são de extração cristã, mas foram desvirtuados ou pervertidos na marcha da história. É importante restabelecer-lhes a inspiração evangélica e corrigir, reo-

orientar ou transcender os postulados desta cultura, dando-lhe o sentido que ela perdeu ou nunca atingiu. Isto significa que a perspectiva da inculturação, até o momento orientada mais às sociedades e culturas de recente evangelização ou ainda não evangelizadas, seja aplicada também à cultura moderno-contemporânea nos termos propostos (15). Ela o deve ser não só no espaço outrora cristão em que essa cultura surgiu (Europa e Ocidente sob sua influência cultural), mas em todas as demais áreas culturais em que ela se vai fazendo presente pelo fenômeno de sua planetarização acima descrito.

Em nosso mundo interdependente, emerge sempre mais clara a consciência da negação, perversão ou destruição do projeto evangélico, através da organização social, econômica e política em escala mundial, geradoras de injustiça e pobreza, de opressão e violência. Somos conscientes de que o homem pode criar hoje uma sociedade, um mundo mais justo. De fato, porém, não o quer ou não o faz, apesar dos apelos e instrumentos ao seu alcance. Na medida em que, pela omissão ou indiferença, pelo conformismo ou covardia, pela preservação de posições institucionais alcançadas em nossa história, nos rendemos a esta situação ou com ela tacitamente pactuamos, inclusive como Igreja, fazemo-nos corresponsáveis dessa injustiça e pobreza, dessa opressão e violência estrutural nas sociedades e nas culturas. Isto é incompatível com a fé que professamos, em um Deus que é Pai e quer o bem dos homens todos;

Deus, que a nós se faz presente e acessível em Jesus Cristo. Por ele nos dá a todos a certeza de que somos filhos Seus e irmãos entre nós, libertados todos pelo amor que em Cristo se fez perdão e reconciliação. Esta fé nos ensina e conduz a fazer da mediação dos homens o caminho necessário para chegar a Deus. Ela pauta pela nossa relação aos homens a avaliação confiável de nossa relação a Deus (Mt 25). Para esta fé, a redenção não é só a salvação privatizada do pecado individual de cada pessoa singular. É sim, além disso, a *libertação* do universo social do homem, pelo esforço coerente das vontades dos homens, irmanados em Cristo, à luz do Espírito. Para esta fé, é intolerável a injustiça inerente àquelas formas estruturais de pobreza e marginalização, de violência e discriminação, que o nosso mundo ge-

rou e vai perpetuando. Trabalhar, pois, para superar esta situação é atuar a fé no alcance pleno de seu conteúdo. É dar a Deus uma resposta evangélica que se traduz e passa pelo serviço do homem, como Ele quis passar pelo Verbo feito Homem, para falar e interpelar eficazmente o homem. Viver a fé sem esta exigência da construção do amor, da verdade e da justiça, também no universo concreto deste mundo histórico dos homens, é dissociar-se do plano de Deus ou esvaziá-lo da plenitude de sua força. É apropriar-se, de algum modo, a aberração que o homem criou e assentir ao seu pecado. A missão salvífica de *Jesus Cristo* continua viva na missão da *Igreja* de evangelizar o mundo. Esta missão passa hoje necessariamente pela *inculturação da fé* e pela plena *libertação do homem*.

## NOTAS

(1) **Étos cultural** é o modo particular de viver e de habitar eticamente o mundo que uma comunidade histórica (povo, nação, tribo, família ou ainda qualquer unidade subcultural) tem, enquanto tal, em sua história. O étos cultural compreende opções histórico-culturais que, eticamente, resultam da interação da **semântica** histórico-cultural (significações, valores, critérios, símbolos, memória); da **sintaxe** cultural social (estruturas e instituições) e da **pragmática** ético-histórica (modelos e padrões de vida e ação resultantes da semântica e da sintaxe histórico-cultural. Ver a respeito: Scannone, J. C., *La mediación histórica de los valores*, em *Stromata* 39/1-2 (1983) 117-139. (2) **Não** tomo **secularização** aqui como dessacralização do mundo (tensão sacro/profano), nem como pura autonomia imanente do homem e menos ainda como negação de

toda realidade transcendente (secularismo). Por **secularização** quero aqui significar o não-recurso a uma legitimação religiosa ou transcendente para a inteligibilidade de fenômenos imanentes. **Legitimação** é o processo segundo o qual o conhecimento social explica e justifica a realidade social. A legitimação é, em geral, cognitiva e normativa, isto é, afirma a um tempo: **é e deve ser**. (3) Discuti e documentei amplamente esta matéria no meu livro **Comunidades Eclesiais de Base no Brasil e a Inculturação da Fé**, S. Paulo, Edições Loyola, 1986, Quinto Capítulo, Seção 5ª: *Inculturação e Cultura*. (4) Neste sentido, cultura expressa o acervo de conquistas humanas no campo do conhecimento. Fala-se de promoção da cultura, programação cultural, Ministério da Cultura, etc. Trata-se de preservar tal patrimônio, de enriquecê-lo e difundí-lo. Universidades,

fundações e agências internacionais, como a UNESCO, referem-se a cultura sobretudo nesta acepção. (5) Este conceito de cultura orienta a pesquisa etnológico-antropológica. Está à base dos museus de antropologia ou de história natural. Tenta-se descrever ou reconstruir o ser, agir e comunicar-se de um grupo humano, através do que a etnografia e a arqueologia antropológica podem vir a levantar no seu presente ou rastrear a seu respeito no passado. (6) Ver o.c. acima na nota 3. Ver Keesing, Roger M., *Theories of Culture*, em *Annual Review of Anthropology* 3 (1974) 73-97. (7) Nesta perspectiva, distinguem-se duas direções maiores: o chamado "materialismo cultural", representado entre outros por Marvin Harris, *Cultural Materialism, The Struggle for a Science of Culture*, New York, Random House 1979; a orientação marxista na antropologia francesa recente, sobretudo, com Maurice Godélier, *Horizon, trajets marxistes en anthropologie*, Paris, Maspero, 1973; E. Terray, *Le Marxisme devant les sociétés primitives*, Paris, Maspero, 1968; C. Meillassoux, C., *Anthropologie économique des Gouro de Côte-d'Ivoire*, Paris, Mouton, 1964. (8) Destacam-se nesta visão de cultura que marcou os anos 60 na antropologia americana os nomes de W. H. Goodenough, C. O. Frake, A. F. C. Wallace e outros, com vasta bibliografia. Ver o.c. acima nota 3. (9) O nome central aqui é, naturalmente, Claude Lévi-Strauss, com sua imensa produção, na qual cumpre mencionar *Les Structures élémentaires de la parenté*, Paris, Blon 1949 e *Structural Anthropol-*

*gy*, New York, Basic Books, 1963. (10) Esta perspectiva ocupa a antropologia-cultural nas décadas de 70 e 80. Representam-na, entre outros, Louis Dumont, *Homo Hierarchicus: Essai sur le système des castes*, Paris, Gallimard, 1966; David Schneider, Victor Turner, Mary Douglas e, sobretudo, Clifford Geertz, *The Interpretation of Cultures*, New York, Basic Books, 1973; Idem, *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*, New York, Basic Books, 1983. Para uma ampla discussão desta última obra, ver Lieberman, Jonathan, *Interpreting the Interpreter*, em *The New York Review*, March 15, 1984, pp. 39-46. (11) Roest Crolius, Ary, observa com razão: "Quando o termo ocupa um lugar central no discurso — como é o caso de **cultura**, ao se discutir a expressão da fé nas culturas humanas, deve-se esclarecer com precisão porque **cultura** é entendida num ou noutra sentido", em *Inculturation and the Meaning of Culture*, em *Gregorianum* 61 (1980) 253-274, cit. p. 257 (trad. minha). (12) Ver Roest Crolius, o.c. na nota precedente. (13) Ver o.c. acima na nota 3. (14) Na 4ª seção do Quinto Capítulo da o.c. acima, na nota 3, ofereci um modelo operativo de *Evangelização Inculturada*. (15) Ver uma tentativa de orientar também neste sentido a problemática da inculturação, em Azevedo, Marcello de C., *Inculturation and the Challenges of Modernity*, Rome, Gregorian Univ. Press, 1982 e Idem, *Modernidade e Cristianismo. O desafio da inculturação*. S. Paulo, Ed. Loyola, 1981.

### Marcello de Carvalho Azevedo, S.J.

*Marcello de C. Azevedo S. J.*, é Doutor em Missiologia pela Pont. Univ. Gregoriana, em cuja Faculdade de Missiologia leciona um semestre cada ano. Lic. em Teol. pela Fac. de Teol. S. J., em Frankfurt/Main. Tem o Master's Degree (M. A.) em Antropologia Cultural, pela The New School for Social Research (New York) e em Filosofia, pela

Pont. Univ. Cat. do Rio de Janeiro, Brasil. É um Senior Member do Woodstock Theological Center, Georgetown University, Washington D. C. e Pesquisador do Centro João XXIII. Foi Provincial dos Jesuítas no Brasil e Presidente Nacional, por 9 anos, da Confer. dos Religiosos do Brasil (CRB). □

# PROFETAS E MÁRTIRES

## EM 5 SÉCULOS DE EVANGELIZAÇÃO

*Na raiz da entrega da própria vida está sempre  
a experiência de um Deus libertador  
que assume visibilidade histórica em Jesus de Nazaré  
e que interpela a consciência humana  
a partir das contradições e das ambigüidades da história.*

**Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI**

### **1. PROFECIA E MARTÍRIO, CONSTITUTIVOS DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ DE ONTEM E DE HOJE.**

Na comemoração do terceiro aniversário do martírio de D. Oscar Romero, seu ex-secretário, celebrando na Igreja de Santa Maria do Transtevere de Roma, assim se expressava na sua homilia: "Venho como missionário de uma igreja viva à igreja em missão de Roma. Venho de uma igreja mártir hoje, à igreja dos mártires de ontem" (1).

Evidentemente, nenhuma ideologia, nenhum sistema decretou, oficial e publicamente, nenhuma perseguição à igreja latino-americana como nos moldes e no tempo do império romano.

E, no entanto, são muitos os cristãos — leigos e leigas, religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos —, que continuam a ser caluniados, perseguidos, torturados, banidos e mortos.

Não é somente a morte lenta, organizada e inexorável de milhares de seres humanos, aos quais vai faltando sempre mais o mínimo necessário para sobreviver. É também a morte violenta daqueles que, tomando consciência do caráter anti-evangélico da situação de injustiça institucionalizada, instaurada no continente, se decidem, a partir do seu compromisso cristão, a lutar por uma transformação das estruturas geradoras desse estado de coisas. São os profetas e os mártires de uma comunidade eclesial que opta decididamente pelos marginalizados do sistema opressor e excludente, seguindo a tradição profética e martirial de todos os tempos.

De fato, ao longo de toda a história do povo de Deus, os pobres sempre emergiram como presença inquietadora para a consciência individual ou coletiva. De uma forma ou de outra, suscitaram sempre a preocupação, a compaixão, a solicitude, ou a indignação ética das co-

munidades ou de indivíduos dentro das comunidades. Do compromisso com a causa dos pobres surgiram profetas e mártires ao longo da história.

Nem sempre o profeta morre mártir e nem sempre o mártir é reconhecidamente profeta. Entretanto, não se pode negar que existe um nexó profundo que liga a denúncia profética com a perseguição e a prova martirial. E esse nexó é a própria "lógica" do Evangelho. A sorte do profeta é perecer em Jerusalém (Lc 13, 33), isto é, ser rejeitado por todos aqueles que representam o poder constituído e a força do "status quo", que o profeta questiona em nome do Deus de Jesus Cristo. E na raiz da entrega da própria vida está sempre a experiência desse mesmo Deus libertador que assume visibilidade histórica em Jesus de Nazaré e que interpela a consciência humana a partir das contradições e das ambigüidades da história. Ninguém dá a vida por uma causa na qual não crê ou com a qual não está comprometido. Só aquele que acredita na proposta do Reino de Deus e com ela se compromete, pode ser feito profeta ou mártir, isto é, seguidor fiel de Jesus Cristo. A atual experiência martirial latino-americana permite "refundar", em expressão de Leonardo Boff, a concepção do martírio e assim reconhecer a eminente dignidade dos nossos mártires, cujo sangue alimenta a fé de milhões de cristãos pobres e dos que se solidarizam com eles.

## **2. EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DOS POBRES?**

### **— O Reino de Deus e o privilégio dos pobres**

O primeiro dado que emerge da leitura dos textos evangélicos é que Jesus não só pregou a vinda do Reino de Deus, senão que manifestou concretamente o Reino com suas práticas. E mais: o anúncio do Reino de Deus constitui a mensagem central de Jesus. Os textos evangélicos evidenciam ainda que o Reino anunciado por Jesus se apresenta como realidade paradoxal e desconcertante, contrariando as expectativas habituais do judaísmo antigo: seus destinatários privilegiados são os pobres. Postos à margem da sociedade civil e religiosa por um sistema social injusto, os pobres vão estar no centro mesmo do anúncio que se torna assim "ex-cêntrico" ou "des-centrador" em relação com a organização social vigente, e, por isso mesmo, provocador da oposição daqueles que a sustentam. Na sinagoga de Nazaré Jesus se apresenta como o Messias que vem realizar as esperanças dos pobres, suscitadas e alimentadas pelos profetas ao longo dos séculos: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; me enviou a anunciar aos pobres a Boa Nova, a proclamar a libertação dos cativos e a vista aos cegos, para dar a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça ao Senhor" (Lc 4, 18-19). O sentido da missão de Jesus faz-se assim incompreensível

sem esta referência constitutiva aos pobres.

Para compreender adequadamente em que sentido essa "Boa Nova" anunciada por Jesus refere-se mais particularmente aos pobres, é importante dar-se conta das evocações concretas que traz consigo a idéia do Reino de Deus. Nos povos do Oriente, a justiça é o fundamento dos reinados, ainda que esta não seja praticada perfeitamente. Segundo a tradição de Israel, Javé é o rei de seu povo, portanto, o protetor e defensor dos que não têm defesa. É o defensor oficial dos pobres e dos oprimidos. Nesse contexto o anúncio da chegada do "Reino de Deus" constitui uma "Boa Nova" precisamente para os pobres e os desgraçados. Eles devem ser os beneficiários deste Reino. A razão do seu privilégio não radica nas suas disposições espirituais, mas na maneira como Deus concebe o exercício da sua realeza. Dito de outra maneira: "O fundamento do privilégio dos pobres no anúncio do Reino de Deus está em Deus mesmo" (2). Por outro lado os textos das bem-aventuranças de Lucas, assim como a resposta de Jesus aos enviados do Batista (Lc 7, 22), e o contexto desses mesmos textos, deixam claro que a pobreza daqueles a quem Jesus anuncia a Boa Nova do Reino de Deus é vista como uma condição humana desfavorável (pessoas que estão na aflição, que padecem fome, que são oprimidas), como um mal, e por isso mesmo como um verdadeiro desafio à injustiça real de Deus. Não cabe, portanto, uma ambígua espiritualização do conceito de pobres nesse con-

texto; nem da noção de pobreza. Os pobres a quem Jesus anuncia o Reino privilegiadamente são os pobres de fato, e o conteúdo do Reino lhes diz respeito prioritariamente: "Deus se manifestará como rei, e assim fará passar o seu Reino à realidade dos fatos" (3).

### — Colonização e evangelização: ambigüidade de um projeto histórico

O dado bíblico do privilégio dos pobres no anúncio da Boa Nova do Reino constitui um desafio para a ação evangelizadora da igreja. No seguimento histórico de Jesus de Nazaré, toda evangelização deve, em princípio, ser feita nessa mesma perspectiva. A prática de Jesus, cuja normatividade intrínseca é constituída pelo Reino de Deus anunciado aos pobres, tem que ser o critério decisivo de toda prática evangelizadora através dos tempos. Mas se isto é claro, e até mesmo evidente, como princípio e em teoria, cabe perguntar até que ponto a prática histórica da igreja revela essa mesma clareza, sem que isso implique na afirmação de uma infidelidade radical da igreja à sua missão.

Puebla refere-se à evangelização das origens históricas do Continente latino-americano, frisando que "a evangelização, como tarefa humana, está submetida às vicissitudes da história" (P. 6). Lembra que a igreja, então, "teve de suportar o peso dos desfalecimentos, das alianças com os poderes da terra, de uma visão pastoral incompleta e da força destruidora do pecado" (P. 10) Essas vicissitudes estão na ori-

gem de um determinado modelo de evangelização que se configurou então.

Se quiséssemos tentar uma condensada descrição desse modelo diríamos que se trata "de um modelo simbólico de evangelização: expansão político-geográfica de um Reino ibérico-cristão para promover a cristianização da Ameríndia; desenvolvimento da atividade missionária e religiosa como meio para facilitar também a expansão e consolidação política do reino cristão". (4) Em outros termos, trata-se de um modelo evangelizador típico de um período de cristandade, permeado por claros interesses econômicos, sociais e políticos, pretendidos pelo Estado na sua conquista.

Pelo que toca a Portugal, o Pe. Antônio Vieira registra em seus escritos essa concepção unitária da cristandade lusa em expansão: "Nas outras terras uns são ministros do evangelho e outros não; nas conquistas de Portugal, todos são ministros do Evangelho" (5).

De acordo com a ideologia desse projeto, "cabia às tropas militares assegurar através da força, se necessário, a conquista material. As milícias clericais competia, mediante a persuasão, levar os indígenas a aceitar a dominação política e religiosa das metrópoles ibéricas" (6). O que deixa claro os dois objetivos pretendidos: anexar as novas terras aos reinos de Espanha e Portugal, e incorporar os indígenas à igreja católica.

Não é difícil perceber as contradições e ambigüidades instaladas

no próprio núcleo desse projeto de evangelização, que criava o ambíguo conceito de "estado-missionário" e a figura, não menos ambígua, do evangelizador-funcionário real.

Naturalmente não todos os missionários identificaram-se com esse "modelo" de evangelização. Há inclusive historiadores que afirmam que a maioria dos missionários da época da colônia tinham uma clara opção pela prioridade absoluta da evangelização missionária. Opção que os colocava decididamente do lado dos indígenas, na defesa de sua dignidade e dos seus direitos.

Mesmo sem insistir nessa tese da maioria, o que é certo e documentado pela história é o importante papel que jogaram, então, os agentes evangelizadores imbuídos dessa opção pela prioridade da evangelização sobre qualquer outro tipo de interesse ou compromisso. Uma vez que essa opção ficava enquadrada no modelo evangelizador do "estado-missionário", ou seja, da grande empresa da conquista, era inevitável que irrompesse o conflito entre a opção desses missionários e o modelo de evangelização vigente, entre as exigências da autêntica evangelização e a práxis política.

De fato já na primeira década da conquista, a expansão do Reino Cristão na América começava a deixar patente a profunda violência que inevitavelmente escondia no seu bojo, suscitando a reação e o posicionamento de não poucos evangelizadores a favor dos indígenas oprimidos e massacrados. Surgem vozes e gestos de denúncia profética, que alcançam notável reper-

cussão política e desencadeiam um processo polêmico de marchas e contra-marchas na defesa dos direitos fundamentais dos índios.

### **3. PROFETAS E MÁRTIRES NA EVANGELIZAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE**

Puebla faz uma alusão aos profetas e mártires da primeira evangelização no Continente, quando afirma que é preciso prosseguir no caminho aberto pelos "intrépidos lutadores pela justiça, evangelizadores da paz... que defenderam os índios diante dos conquistadores e encomendeiros, inclusive até à morte" (p. 8), em meio a um processo de integração e miscigenação, mas também de exploração a extermínio, imposto e com frequência mantido sob o sinal da própria Cruz (p. 13).

Por outro lado, é preciso não esquecer o conjunto da situação sócio-ecclesial em que emerge essa profecia para compreender o seu alcance e os seus limites; para não perder de vista até onde a consciência possível naquele momento histórico permitia chegar; para não exorbitar o papel desses profetas, nem minimizar a sua influência. Como toda figura profética, os profetas de então são filhos da crise e sofrem o embate das contradições e das vicissitudes históricas.

#### **— A profecia como denúncia do modelo evangelizador a serviço da conquista**

A profecia dos primórdios da evangelização emerge, antes de tu-

do, como denúncia da dominação embutida no projeto da conquista evangelizadora. Arranca da consciência utópica de missionários que sonham com um modelo evangelizador alternativo, mais condizente com o evangelho, e chega, em alguns momentos, a questionar os próprios fundamentos ou "títulos" da conquista: — o direito a impor a vassalagem régia, o direito à chamada "guerra justa" e o argumento da "doação papal".

A historiografia registra esses "momentos proféticos" da primeira evangelização, alimentando a esperança do povo latino-americano nas suas lutas libertárias.

Desses "momentos proféticos", cabe destacar dois que parecem ter ainda uma incidência questionadora na realidade atual do continente: a) a profecia coletiva dos frades dominicanos de "Hispaniola" (São Domingos); b) a denúncia de Bartolomeu de Las Casas.

#### **a — A Comunidade dos dominicanos de "Hispaniola": "A voz do que clama no deserto"**

Os frades dominicanos Pedro de Córdoba, Antônio Montesinos, Bernardo De Sto. Domingo e um frade leigo se estabeleceram em Hispaniola (São Domingos) a partir de 1510. Outros religiosos haviam chegado já às novas terras. Essa Comunidade vai desempenhar um papel profético de grande importância na causa dos índios.

Esses missionários, ao aportar aqui, traziam duas opções pastorais

claras: a opção pela prioridade da evangelização, e a opção pelos pobres de então, isto é, os índios.

“A prática missionária de um só ano em Hispaniola foi suficiente para os Dominicanos chegarem à conclusão de que o maior obstáculo para a sua catequese, para a sua pastoral, eram as injustiças praticadas contra os índios. O pecador do mundo novo não é o herege ou o pagão, mas o cristão colonizador” (7).

De fato, a prática da “repartição” dos índios em “encomendas” entregues aos colonizadores, “oficializada” por cédula real em dezembro de 1503, havia se generalizado, acirrando a crise com que vinha se enfrentando a ação evangelizadora dos missionários. A comunidade, depois de “contínuas orações e jejuns” decidiu denunciar abertamente os excessos e abusos perpetrados contra os índios. O escolhido para pronunciar o sermão diante das autoridades e personalidades da ilha foi Fr. Antônio de Montesinos, que posteriormente, segundo a afirmação de Gonzalez Dorado, morrerá mártir na Venezuela, em 1530. O argumento medular do documento — assinado por toda a comunidade —, é a afirmação da evangelização como valor prioritário e supremo sobre qualquer outro tipo de projetos ou interesses, e a denúncia do escândalo da conquista cristã-política que não respeita a dignidade humana dos índios, e que injustamente os oprime e escraviza, impedindo o processo de uma evangelização autêntica e por conseguinte, testimonial e pacífica. Partindo do tex-

to evangélico, “sou a voz do que clama no deserto”, a denúncia de Montesinos questiona a implantação do sistema da “repartição” das “encomendas”. Declara injustas as guerras chamadas “justas”, questionando assim os próprios fundamentos do projeto político da conquista: — “Com que direito e com que justiça tendes estes índios em tão cruel e horrível servidão? Com que autoridade fizestes tão detestáveis guerras a esta gente que estava mansa e pacífica em suas terras, onde exterminastes uma infinidade delas com mortes e estragos nunca ouvidos? Como os tendes tão oprimidos e cansados, sem dar-lhes de comer nem curá-los de suas doenças, que vêm dos excessivos trabalhos que lhes dais e que os fazem morrer, ou para dizer melhor os matais tirando e acumulando ouro cada dia...? Estes não são homens? Não tem almas racionais? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos?” (8).

O texto conclui com uma espécie de anátema que cai violentamente sobre o responsável por aquela situação e sobre todos os que eram coniventes com ela: “Todos estais em pecado mortal e nele viveis e morreis pela crueldade e tirania que usais contra essas inocentes gentes”.

Alguns dias depois, Montesinos insiste na sua denúncia e ameaça de negar-lhes a absolvição.

As reações ao clamor dessa inesperada e destemida voz profética foram imediatas. O documento e a posição da comunidade foram qua-

lificados de escandalosos. O provincial da Ordem — Fr. Alonso de Loyasa, residente na Espanha, chegou a pensar em retirar os religiosos da ilha, pois a sua pregação leva “toda a Índia a rebelar-se” e lhes exigiu, “sob a santa obediência e pena de excomunhão”, o silêncio obsequioso. O próprio rei, Fernando o Católico, em carta a Diego Colombo, lamenta que o caso não tenha sido tratado com o devido rigor, “pois o erro foi muito grande”.

Lido à luz dos textos bíblicos do Antigo e Novo Testamento, o sermão de Montesinos se manifesta em nítida continuidade com toda a tradição bíblica dos profetas. Relido à luz de Puebla, deixa patente a dimensão política de toda prática pastoral consoante com o Evangelho.

**b — Bartolomeu de Las Casas:  
A profecia a partir  
do outro negado**

A bandeira levantada por Montesinos e sua comunidade vai ser levada adiante por um pequeno “encomendeiro” espanhol, mais tarde sacerdote e frade dominicano, posteriormente Bispo de Chiapas, Bartolomeu de Las Casas.

O itinerário espiritual desse controvertido missionário da colônia pode muito bem ser descrito como um processo de conversão a partir do outro negado, isto é, a partir dos direitos básicos do índio como diferente, negados e tergiversados por um sistema iníquo de dominação.

Nesse itinerário vai jogar um papel decisivo a sua prática pastoral e a sua experiência de missionário

encomendeiro conivente com o “status quo” do projeto da conquista, confrontada com as práticas abusivas do poder estabelecido.

Ele mesmo vai se referir a isto anos mais tarde nos seus escritos: “Um personagem do Conselho das Índias, espantado do que agora se vê, se ouve e se trata dessas tiranias (contra os índios), me disse que Deus me haveria de pedir contas porque eu nada fazia para gritá-las diante do mundo, pois Deus colocara esse negócio nas minhas mãos” (9).

Um episódio de violência — dos muitos que então ocorriam na expedição de Pánfilo de Narvaez (1513), da qual participava como capelão da frota —, o massacre indiscriminado de um grupo de índios inocentes e inofensivos —, influenciou decisivamente para a sua conversão.

Las Casas entregou suas terras e seus índios nas mãos do governador. Outros seriam, doravante, os pólos de suas preocupações e de suas lutas.

Liberado dos compromissos com o sistema, conhecedor do ambiente e das condições em que se processava a colonização, Las Casas irá canalizar seus esforços de missionário numa única direção: — a luta pela justiça, na defesa dos direitos fundamentais do índio, conculcados, negados pelos interesses colonizadores. E é assim que irá se projetar no cenário da expansão colonizadora do século XVI, e através dos séculos, na historiografia.

Não se pode esquecer que a obra missionária e profética de Las Casas é complexa e fica situada no conturbado contexto sócio-econômico e político do projeto da conquista, ao qual necessariamente paga um pesado tributo.

Não se pode negar, porém, que sua intuição fundamental foi profundamente evangélica e profética: — guerras e encomendas demonstravam a injustiça radical da conquista política; a evangelização só poderia realizar-se pelo caminho da paz e do respeito e defesa da liberdade dos índios. Esta é precisamente a tese central e articuladora do seu primeiro livro: — “Sobre a única maneira de chamar todos os pagãos à verdadeira religião” (1537): — Evangelização e violência são incompatíveis.

Da sua vasta atividade, interessa prioritariamente neste artigo o seu posicionamento profético, que incide em três frentes que recobrem sua prática pastoral e seus escritos: a frente política, a frente ideológica e a frente missionária (10).

Na frente política Las Casas posicionou-se como denunciador incansável das situações iníquas da conquista, diante do rei, dos seus ministros e conselheiros, fornecendo-lhes material e sugestões para uma visão clara das questões coloniais e para uma sugerida mudança de estratégia. É conhecido o papel que joga nessa frente para a promulgação das assim chamadas “Leis Novas” (1542), que constituíram um certo avanço na questão do “estatuto” do índio.

No plano ideológico que revestia uma particular importância no ambiente cultural da Espanha seiscentista, seus escritos, e suas tomadas de posição vão desempenhar uma clara função desmascaradora e crítica das argúcias com que se tentava legitimar e justificar as arbitrariedades da conquista e da colonização. Nessa linha de uma luta travada na frente ideológica é preciso situar ainda sua participação nas Juntas ou Comissões de Teólogos juristas espanhóis que debatiam os princípios e os novos aspectos do Direito das Gentes, e entre os quais sobressaía Francisco de Vitória, considerado hoje o fundador do Direito Internacional. O tom profético dos questionamentos de Las Casas e da sua crítica à ideologia subjacente à “empresa sagrada” da conquista é patético e contundente: “Torño a dizer que todas as conquistas que, desde o descobrimento das Índias até hoje inclusive, se fizeram contra os índios, foram sempre injustíssimas, tirânicas, infernais e não são piores e nelas se não cometeram mais atrocidades e mais ofensas a Deus do que nas guerras que os turcos movem contra os povos cristãos... e tudo quanto nelas os espanhóis conseguiram e adquiriram foi e é violento, roubado, salteado e tiranizado” (11).

No plano das atividades missionárias, é preciso ressaltar as duas experiências de Terra Firme (Venezuela) e de Terra de Guerra — posteriormente Vera Paz (Guatemala) que constituem, por assim dizer, dois projetos alternativos ao modelo vigente de evangelização. Como Bispo de Chiapas, é clara a

dimensão profética do seu múnus pastoral, urgindo a aplicação das "Leis Novas", chegando inclusive a proibir aos sacerdotes que absolvessem na confissão aqueles que exploravam os índios e se negavam a fazer restituições justas. Como todo profeta, Las Casas conheceu contradições, dissabores, sabotagens, calúnias e perseguições, vindo a falecer numa de suas inúmeras viagens à Espanha, pela defesa dos seus queridos índios. Uma frase sua que, talvez, melhor expressa sua nítida atuação profética é esta: "O primeiro fundamento da pregação da fé é a recusa não só da dominação, mas de qualquer indício de dominação" (12).

### — A denúncia da escravidão negra

Há uma pergunta incômoda que paira, de maneira mais ou menos explícita, sobre os escritos e investigações de estudiosos da história da Conquista da América, e sobretudo, do Brasil-colônia, e que chega a adquirir um caráter de questionamento ou de crítica carregada de conteúdo ético: — Porque a causa do índio suscitou, desde as origens da evangelização, profetas e mártires — defensores intrépidos da sua dignidade e da sua liberdade, — e o mesmo não sucedeu, pelo menos de forma tão explícita, com a causa do negro-escravizado?

Tem-se tentado responder a essa pergunta argumentando que a escravização dos índios e, especialmente dos negros, seria um mal necessário, no sentido de que, sem escravidão não podia haver Brasil. "Sem

negros não há Pernambuco", havia escrito Vieira. Isto significa que sem a escravidão o projeto colonizador português era totalmente inviável. A empresa da colonização devia processar-se na base da exploração de grandes propriedades, de vastos latifúndios. Concediam-se as terras precisamente àqueles que dispunham de recursos para explorá-las. Isso porém, requeria mão-de-obra eficiente e sem ônus econômico para o produtor, ou seja, mão-de-obra escrava. Por tudo isso, "a escravidão deixara de ser uma instituição ao lado de outras dentro da sociedade, para tornar-se a alma e o eixo de todo o sistema não só econômico mas também jurídico, social e religioso, contaminando e moldando todas as outras instituições" (13).

Por parte da igreja, havia não só uma legitimação tácita do tráfico negreiro através das suas próprias práticas, senão que, por vezes, se tratava de dar-lhe uma legitimação teórica, segundo a teologia da época.

Neste sentido é ilustrativa a carta que o Reitor do colégio jesuíta de Luanda, Pe. Luis Brandão, escreve ao seu colega de Cartagena: "Nós mesmos, que vivemos aqui já faz 40 anos e temos entre nós padres muito doutos, nunca consideramos esse tráfico como ilícito. Os padres do Brasil também não, e sempre houve naquela província padres eminentes pelo saber. Assim, tanto nós como os padres do Brasil, compramos aqueles escravos sem escrúpulos... Na América, todo escrúpulo é fora de propósito" (14). E o padre continua defendendo a sua

tese com o argumento da “boa-fé”: — “Pode-se comprar aos que possuem de boa fé”. E como é difícil, ou quase impossível, distinguir entre os escravos capturados por meios legítimos e os capturados por meios ilegítimos, conclui o Pe. Brandão: “Não parece um serviço a Deus perder tantas almas por causa de alguns casos de escravos ilegítimos que não podem ser identificados” (15).

É óbvio que essa razão — a inviabilidade da empresa colonizadora sem a mão-de-obra escrava —, pode, quando muito, explicar a prática escravagista, mas está longe de justificá-la ou de oferecer-lhe legitimação válida do ponto de vista do Evangelho. Daí a perplexidade que o problema suscita até hoje.

Há quem opine que a prática escravagista, também em relação com o negro, “inquietava” a consciência missionária desde o seu início. Uma prova disto seria o testemunho do Pe. Manoel da Nóbrega que escreveu em 1550: “Nesta terra todos, ou a maior parte, tem a consciência pesada por causa dos escravos”. Até que ponto esta frase de Nóbrega retrata a realidade, do ponto de vista da escravidão do negro, é questão discutida e discutível. Há, porém, na historiografia o registro de “momentos proféticos” também na causa negra. Vamos evocar alguns deles:

a) **A profecia que rompe o silêncio:  
Miguel Garcia e Gonçalo Leite**

O Pe. Miguel Garcia, jesuíta espanhol, chegado à Bahia no século

XVI como professor de Teologia, percebeu bem cedo que a conivência da igreja, e mais concretamente da Companhia de Jesus, como o projeto escravocrata da conquista, constituía uma contradição clamorosa com o discurso evangelizador e com a pretendida obra da evangelização. Inconformado com aquele estado de coisas e com a passividade dos missionários frente a ele, Garcia passou a defender uma posição considerada escandalosa e subversiva, e que unia a palavra profética à prática libertadora: — ele propunha que fosse recusada a absolvição sacramental aos que confessassem ter escravos e viver às custas do trabalho escravo. O destino do Pe. Garcia não podia ser diferente do destino dos profetas: suscitou escândalo, disputas e discussões entre moralistas e juristas; recebeu a sentença condenatória da sua posição, e foi forçado a retornar ao seu país, tido como “homem cheio de escrúpulos”. Antes de viajar, porém, deixou por escrito, em carta ao Superior Geral da Companhia, a sua veemente denúncia: — “A multidão de escravos que tem a Companhia nesta Província, particularmente neste colégio, é coisa que, de maneira nenhuma, posso tragar, máxime por não poder entrar no meu entendimento serem lícitamente havidos” (16).

Na mesma linha denunciatória situa-se o Padre Gonçalo Leite que não hesitava em dizer: — “Bem se podem persuadir os que vão ao Brasil que não vão a salvar almas, mas a condenar as suas” (17). Também o destino de Gonçalo Leite foi o

banimento, expulso da Colônia como "inquieto".

É certo que a denúncia desses dois Jesuítas não se limitava à escravização dos negros. Abrangia também a prática, ainda em vigor, de escravizar os índios. Mas referia-se explicitamente às "peças de Guiné", isto é, ao tráfico negreiro e à existência de escravos negros nos colégios dos jesuítas.

#### b) "O Ethíope resgatado . . .", um grito profético

Pouco conhecida, tirada de circulação e convertida em raridade bibliográfica (editada uma só vez em 1758), a obra do Pe. Manoel Ribeiro da Rocha — "Ethíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado" — contém, sem nenhuma dúvida, uma nítida conotação profética.

Nela, o tráfico negro é considerado pirataria, e a libertação progressiva do negro-escravo é proposta como saída para uma insustentável situação de dominação abusiva, negadora da dignidade fundamental da pessoa humana. A denúncia de Ribeiro da Rocha atinge a todos os que, sob qualquer título ou pretexto, comercializavam os negros, e que, segundo ele, andavam todos em estado de condenação.

#### c) A profecia da vida: Pedro Claver e Alonso Sandoval

Além dessas vozes, proféticas mesmo se esporádicas, ecoadas no Brasil, é preciso lembrar ainda as figuras de Alonso de Sandoval e

Pedro Claver, na Colômbia. Ambos serviram os negros até seu último alento. Com suas vidas, foram uma profecia vivente, um grito abafado, denunciatório dos iníquos mecanismos do sistema escravocrata e dos ricos senhores donos de escravos.

#### d) Palmares: insurreição e profecia

Finalmente, é preciso destacar aquela outra profecia, feita de luta e de sangue, que se articula a partir da consciência ética — oprimida e negada — do próprio povo negro. O quilombo dos Palmares, na serra da Barriga, em Alagoas, com sua organização, suas lutas, suas conquistas, seu "sacrifício", tem um inquestionável potencial profético e aponta na direção da utopia da fraternidade e da liberdade, para além das diferenças de raça ou de cor. A figura de Zumbi — herói da resistência negra — constitui a expressão patética do grito de um povo que tenta articular a profecia inarticulada ou silenciada durante séculos de opressão. Essa profecia atravessa a história e julga ainda hoje todas as manifestações históricas do sistema escravocrata. Nessa linha, o testemunho de Joel Rufino dos Santos é expressivo: "A história da nossa espécie está pontilhada de utopias. Palmares, talvez, represente isso: um sonho sonhado por cem anos, com palmeiras verdes no alto de uma serra azul e majestosa à distância. O embrião do país de todos — sem órbitas fixas concêntricas. O que poderia ter sido mas ainda não foi" (18).

## — Figuras-símbolo do martírio ontem e hoje: Antonio de Valdivieso e Oscar Romero

Sempre houve mártires na história. Jesus de Nazaré situa-se dentro desta tradição martirial. A igreja, no seguimento de Cristo, não só tem mártires mas é uma igreja de mártires. Em sua grande maioria, os mártires da igreja latino-americana de ontem e de hoje o são porque uniram fé com justiça social, evangelho com promessa de libertação, a partir dos oprimidos (19). É o caso de dois grandes pastores da nossa história: o primeiro, nos primórdios da evangelização: Antonio de Valdivieso, bispo da Nicarágua; o outro, contemporâneo nosso: D. Oscar Romero, bispo de El Salvador. Distantes no tempo, os dois se identificam na mesma causa: a defesa dos indefesos.

Antonio de Valdivieso foi bispo da época da conquista numa das regiões da América Latina onde o índio era explorado de modo inimaginável. Valdivieso se insurge contra os requintes de crueldade e os abusos do poder que caracterizavam o regime das "encomendas". Em carta ao rei de Espanha afirma: "Estou em perigo porque ponho cada vez mais estes índios sob o domínio de S. Majestade". Isto significa que queria tirar os índios das "encomendas". Chamado o "bispo desconhecido", Valdivieso morre assassinado, em 1550, a mando do governador da Nicarágua, Contreras. Três anos antes de morrer mártir, havia escrito: "Minha vida corre perigo, mas eu continuo na defesa do índio".

Com Oscar Romero não foi diferente. Salvadorenho de origem, sacerdote e pastor profundamente identificado com a causa do seu povo, constitui, por certo, uma das vozes proféticas mais destemidas e mais lúcidas da América Latina atual. Sua denúncia arrancava de uma profunda experiência do Deus de Jesus Cristo e da sua enorme solidariedade com a grande maioria pobre e oprimida do seu país. Denunciava profeticamente os grupos oligarcas privilegiados, as forças de repressão que torturavam e matavam, as interferências internacionais. Sua palavra foi sempre uma evangélica fidelidade a Deus, à sua missão e ao seu povo. Consciente das conseqüências políticas da sua profecia, previu o seu martírio: "Tenho sido freqüentemente ameaçado de morte. Devo dizer-lhes que, como cristão, não creio na morte, mas sim na ressurreição. Se me matam, ressuscitarei na luta do meu povo." "Se conseguem matar-me, perdão e bendigo quem o fizer... Um bispo morrerá, mas a igreja de Deus que é o povo jamais perecerá". Seu crime foi ter acreditado no Deus do Reino, anunciado por Jesus, o Deus dos pobres, o Deus da vida.

No caso da Valdivieso como no de Oscar Romero a "lógica do poder" se sobrepôs à justiça e ao bom senso, na pretensão de extinguir a profecia. A essa lógica do poder ambos trataram de contrapor a lógica do evangelho, do amor, da fraternidade: "Em nome de Deus e deste povo sofrido, povo cujos lamentos sobe até os céus, suplico-lhes, rogo-lhes, ordeno-lhes, em nome de

Deus: cessem a repressão". Este grito angustiado de D. Oscar Romero contra a lógica do poder, continuará a ressoar através da história sofrida de todo um povo indefeso e oprimido; através da história de todos os povos como testemunho fiel do Deus do Reino e como juízo deste mundo que mata os profetas.

### — Profecia e martírio na "nova evangelização"

Certamente não é exagero afirmar que "a América Latina ainda é o que foi desde a conquista: um continente de conquistas e violência. Com retoques superficiais que impedem mudanças substanciais e camuflam suas contradições intrínsecas, o sistema de dominação, implantado pelos conquistadores, continua vigente. Os interesses econômicos e políticos de pequenas minorias continuam a prevalecer sobre os ideais evangélicos do respeito à dignidade e liberdade dos povos e das pessoas. Em cinco séculos de evangelização o Continente latino-americano não conseguiu superar a contradição de ser, ao mesmo tempo, um continente católico e de imensas maiorias dominadas e empobrecidas.

Nesse contexto, as exigências da "nova evangelização" vão na linha de uma práxis condizente com a Boa Nova do Reino de Deus, cujos privilegiados são os pobres. Uma evangelização que não envolva diretamente os pobres, que não assuma a causa dos pobres, e não se comprometa com a sua libertação, perde em densidade histórica e cor-

re o risco de trair ao Jesus histórico.

Mas tudo isso é conflitivo. Face a uma situação histórica que nega os valores do Reino de Deus, não cabe uma suposta neutralidade. É preciso definir-se, tomar o partido dos injustiçados e desmascarar eventuais legitimações religiosas do sistema vigente; defender explicitamente as esperanças de libertação dos pobres e seus anseios por uma vida mais digna e humana. Em síntese: fazer perceber que o Reino não admite meias tintas nem posições ambíguas, e que toda convivência com um sistema iníquo constitui uma traição à proposta messiânica de Jesus. É o que estão fazendo os profetas e os mártires de hoje nos vários países do continente. Através do seu testemunho, a igreja ganha crescente credibilidade no meio do povo pobre. O que significa que, se a primeira evangelização na América Latina se fez sob o signo da conquista e da sujeição, a nova evangelização só poderá superar as ambigüidades do primeiro modelo, se se fizer sob o signo da libertação.

As Comunidades Eclesiais de Base, os movimentos populares, as comunidades religiosas inseridas, a pastoral indigenista encabeçada pelo CIMI, as organizações sindicais, os comitês de solidariedade, os grupos de defesa dos direitos humanos, as comissões de Justiça e Paz, são sinais indicadores dessa nova práxis evangelizadora, própria de uma igreja que opta, de forma preferencial e solidária, pelos pobres. As vozes proféticas e os testemunhos mar-

tiriais que ressoam nessa igreja hoje não só se fazem intérpretes da esperança e da fé no povo humilhado, senão que confirmam o povo na sua esperança e na sua fé. Chamem-se Oscar Romero, Josimo Tavares, João Bosco Burnier, Enrique Angelelli, Luis Espinal, Ezequiel Ramin, Rutilio Grande, Vicente Cañas,

Adelaide Molinari, Cleusa Coelho, Rodolfo Lunkenbei ou outros que simplesmente pertençam ao rol dos anônimos que a historiografia não registra, essas vozes já não se calarão nunca porque transcenderam o tempo e o espaço e selaram com o sangue derramado a profecia profetizada.

## NOTAS

(1) Cf. MARINS, J. — TREVISAN, T. — CHANONA, C., *Martírio, memória perigosa na América Latina hoje*, Paulinas, S. Paulo, 1984, p. 10. (2) NEUTZLING, I. *O Reino de Deus e os Pobres*, Loyola, S. Paulo, 1986, p. 101. (3) Id. p. 101. (4) GONZALEZ DORADO, A., *Os Religiosos na História da Evangelização na América Latina*, mimeo., p. 2. (5) Vide HOORNAERT, E., *Teologia e ação pastoral em Antônio Vieira, s.j., 1652-1661*, em *História da Teologia na América Latina*, Paulinas, S. Paulo, 1981, p. 65. (6) AZZI, R., *Método missionário e prática de conversão na colonização latino-americana*, in *REB/47*, fasc. 185, 1987, p. 83. (7) SUESS, P., *Liberdade e Servidão. Missionários, juristas e teólogos espanhóis no século XVI frente à questão indígena*, em *REB/47*, 1987, p. 18. (8) BARTOLOMÉ DE LAS CASAS, *História de las Índias*, Ed. Fondo de Cultura Económica, 3 Vol., México 1981, livro III, cap. 4. Citado por Paulo SUESS, em *Liberdade e servidão*, *REB/47*, 1987, p. 18. (9) *Tratado comprobatório*, em *Obras escolhidas de Fray Bartolomé de Las Casas*, Madrid. Citado por LUSTOSA DE FIGUEIREDO, O., *Contestação de um profeta: B. de Las Casas*, em *REB/34*,

1974, p. 808-809. (10) LUSTOSA DE FIGUEIREDO, O., art. c., p. 808. (11) DUODÉCIMA Réplica, em *Obras escolhidas*, BAC, To ano CX, p. 343. citado por LUSTOSA DE FIGUEIREDO, O., em art. c., p. 818. (12) "De unico vocationis modo", citado por HOORNAERT, E., *Teologia e ação pastoral em Antonio Vieira, s.j., 1652-1661*, em *História da Teologia na América Latina*, Paulinas, São Paulo 1981, p. 65. (13) BAPTISTA, M., *Evangelização ou Escravização*, em *Vida Pastoral*, 138, 1988, p. 8. (14) SARAIVA, A. J., *Le Père Antonio Vieira et la question de l'esclavage des noirs au 17<sup>e</sup> Siècle*", in *Annales*, 1967, p. 1304. Citado por HOORNAERT, em *A Cristianidade durante a 1<sup>a</sup> época colonial CEHILA*, p. 261. (15) Id. p. 261. (16) SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 2, p. 228. Citado por HOORNAERT, E./*Padres e escravos no Brasil-Colônia*, em *Vida Pastoral/38*, 1988, p. 25. (17) Id. *ibid.* p. 229. Citado por HOORNAERT, a.c., p. 25. (18) SANTOS, J. RUFINO DOS, *Zumbi*, Ed. Moderna, S. Paulo, 1986, p. 22. (19) BOFF, L. *E a Igreja se fez povo*, *Vozes*, Petrópolis, 1986, pp. 134-136. □

---

## Matar & Viver

"Não Matarás", Ex 20, 30. Isto significa: deixar viver; não deixar morrer; não criar condições que levem à morte. Superar os obstáculos da morte em vista da vida. Princípio ético, norma de boa convivência, prova concreta de amor à vida (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# O POTENCIAL EVANGELIZADOR DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL: ENCARNAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA DO POVO

*O povo contagia, com sua experiência espiritual,  
a própria Igreja e a evangeliza. Neste  
contato a Igreja redescobre sua missão evangelizadora.*

**Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Dona Maria José tem quatro filhos pequenos e mora com eles e o marido biscateiro num cômodo extremamente pequeno, com uma única cama, num barraco de uma imensa e violenta favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. No meio de toda aquela extrema pobreza, a limpeza do chão e o brilho das panelas falam de uma harmonia e uma força que aglutina e dá esperança àquelas pessoas, fazendo delas uma família. Ao cair da tarde, Dona Maria José, depois de terminar a janta, sobe o morro e, sempre acompanhada de algum dos filhos, vai coordenar círculos bíblicos. Chama pessoas daqui e dali, anima, motiva e vai lendo e rezando com elas a Palavra de Deus, fazendo o Evangelho ouvido e proclamado no meio da favela, na vida dura e sofrida daquele povo. No mês de maio, passa pelas casas com a imagem de Nossa Senhora, convocando a todos para a reza do terço e a homena-

gem à Mãe de Jesus. Graças a sua influência, no final do mês, a reza do terço já invadiu boa parte da favela, congregando os pobres no amor comum à Mãe de Deus.

Na reunião de coordenadores dos círculos bíblicos, preparava-se o Evangelho do domingo seguinte: Jo 6, 41-52, o Discurso do Pão da Vida, no trecho onde João conta que os judeus murmuravam entre si porque Jesus dissera: "Eu sou o pão descido do céu." Pois não era ele o filho do carpinteiro, o filho de Maria? Como, então, dizia: "Eu descido do céu?" Dona Maria José, com grande clareza e inspiração, partilhou com os companheiros sua experiência: quando ia convidar as pessoas para participarem do círculo bíblico, esbarrava quase sempre com a descrença de muitos. Pois não era ela a Dona Maria José, aquela que conheciam de todo dia, pobre como eles, que não tinha es-

tudo nem saber? Como podiam acreditar nela? Só com o passar do tempo, vão vendo sua fé, seu amor pela Bíblia, sua vida de oração, sua fidelidade a Deus. E vão então acreditando que ela também pode ser inspirada pelo Espírito Santo. Deus também fala pela sua boca. E assim a Boa Nova acontece e se faz ouvir, enquanto os círculos bíblicos crescem e a Palavra de Deus vai dando forma à comunidade.

O testemunho de Dona Maria José nos chama a atenção para algo de novo que acontece hoje na realidade da evangelização no meio dos pobres. Por trás da vida tão dura, entretecida quase que somente de dificuldades, agruras e sofrimentos, existe uma força, uma luz, um fogo que faz com que na extrema pobreza do barraco, as panelas brilhem, e que a Boa Nova do Evangelho vá traçando seu caminho através das palavras simples de uma simplíssima mãe de família. Jesus, o primeiro evangelizador (1), é todo ele evangelho vivo. E os evangelizadores de hoje (entre eles Dona Maria José) reproduzem em sua prática evangelizadora os seus gestos, comportamento e prática. E isto porque são e se sabem inspirados pelo mesmo Espírito que animou e inspirou Jesus e que os faz viver a mesma espiritualidade que Ele (2).

Na verdade, é esta experiência espiritual que é — ela mesma, profundamente — evangelizadora. E ela que anuncia a Encarnação de Deus tornando a acontecer na história de um povo, pela criatividade infinita e constante do Espírito.

A vinte anos da Conferência de Medellín, acontecimento fundante dos novos rumos tomados pela Igreja no continente latino-americano, a experiência espiritual do povo mais simples, a tomada de consciência pelos pobres do Espírito que os anima, volta a ser, com redobrada força, percebida como portadora de um rico e profundo potencial evangelizador (3). Neste movimento de cobrar forças, em meio à luta dura de cada dia, para falar das coisas do Espírito e anunciar o Evangelho de Jesus, o povo contagia com sua experiência espiritual a própria Igreja e a evangeliza, a ela mesma, para que ela, por sua vez, redescubra sempre de novo e de uma nova maneira, sua missão evangelizadora.

### **Medellin: a re-valorização de uma "espiritualidade"**

Até há pouco tempo, antes do Concílio, a espiritualidade era considerada uma questão de minorias. Propriedade de alguns pequenos e seletos grupos, fechados, ligados quase sempre a esta ou àquela ordem religiosa, supondo um isolamento do mundo e um afastamento de suas preocupações cotidianas, a espiritualidade era assunto para especialistas (4). A experiência espiritual cristã do povo mais simples, sua religiosidade, sua consciência religiosa permaneciam fora dos manuais e livros onde se explicitava e tematizava esta espiritualidade. Considerada por muitos como superstição e ignorância, a maneira do povo viver sua relação com o divino, o transcendente, o modo de expressar essa relação em meio à

trama "leiga" e contingente da vida cotidiana não chamava a atenção dos versados em questões de espiritualidade.

Esta espiritualidade que tentamos descrever acima tenderia a ser considerada por muitos como tradicional, clássica. Isso, no entanto, depende de qual seja o momento histórico que assumimos como ponto de referência para o início desta tradição (5). Pois, na verdade, se formos recuar mais longe no tempo e na história da Igreja, perceberemos que esse tipo de seletividade e elitismo espiritual começou relativamente tarde e se impôs como legítimo à margem da experiência espiritual das grandes majorias cren-tes que continuavam a viver sua fé e a descobrir, sob o impulso do Espírito, maneiras criativas de seguir Jesus Cristo no seio da sua labuta cotidiana.

Uma espiritualidade assim concebida, que desvaloriza a experiência espiritual e religiosa da maioria dos cristãos, perde igualmente e desvaloriza da mesma forma o potencial evangelizador, de anúncio de Boa Nova, que pertence e reside no bojo de toda verdadeira e autêntica experiência espiritual. Um dos grandes méritos da Conferência de Medellín foi o de chamar a atenção para esta riqueza que permanecia escondida e desconsiderada, e dispôr-se a trazê-la à luz.

Assim, afirma o documento de Conclusões de Medellín, na sua parte intitulada *Evangelização e crescimento na fé*, cap. 6, *Pastoral Popular*, item II: *Princípios teoló-*

*gicos*, que "a fé... e a Igreja se-meiam-se e crescem na religiosidade culturalmente diversificada dos povos." Portanto, a Igreja latino-americana reunida em Medellín, reconhece como parte integrante e importante de sua tarefa evangelizadora a descoberta, nessa religiosidade, da "secreta presença de Deus" (6), a "luz da verdade que ilumina a todos" (7) e dispõe-se a, sem "quebrar a cana machucada e sem apagar a mecha fumegante" (8), aceitar e incorporar ao seu tesouro os elementos religiosos e humanos presentes nessa religiosidade como "semente oculta do Verbo" (9). É o começo de uma nova era, onde a experiência espiritual e religiosa do povo mais simples começa a ser objeto de real e respeitosa atenção por parte da Igreja oficial na sua ação evangelizadora.

Esta descoberta vai de par com a constatação que acontece igualmente a partir de Medellín, da articulação das bases comunitárias no meio do povo, que vão ser jubilosamente chamadas Comunidades Eclesiais de Base, proclamadas como um novo modo de ser Igreja, uma verdadeira *Eclesiogênese* (10). O povo que começa a se articular e organizar em pequenos grupos em torno da Palavra de Deus vai também caminhando e solidificando sua consciência religiosa e sua experiência espiritual. E essa experiência espiritual e essa consciência religiosa vão evangelizando a própria Igreja e dando nascimento a uma verdadeira revolução na concepção de espiritualidade e na própria reflexão teológica que vai se iniciar a partir de

então, no continente, a qual vai se denominar *Teologia da Libertação*. A espiritualidade é a raiz profunda da força que bate, latente, no novo modo de ser Igreja inventado pelos pobres do continente latino-americano pela força do Espírito, mas esta raiz cresce na terra profunda e fértil da consciência religiosa popular, que se expressa na religiosidade popular e em muitas outras manifestações religiosas de origem devocional e experiencial da vida do povo (11).

Os bispos reunidos em Medellín, nas recomendações pastorais com que enfeixam seu documento de conclusões, se propõem, entre outras coisas, debruçar-se para estudar a religiosidade popular e suas manifestações, impregnar as manifestações da espiritualidade popular (como romarias, peregrinações, procissões, etc.), da palavra evangélica, e estudar e implementar uma pastoral litúrgica e catequética adequada não só a pequenos grupos; mas à totalidade do povo de Deus, partindo de um estudo das subculturas próprias, etc. (2).

E os teólogos latino-americanos que dão início, a partir do final dos anos 60, a um novo método de reflexão teológica chamado *Teologia da Libertação*, têm nítida consciência que essa reflexão teológica encontra sua origem numa experiência espiritual: a experiência do encontro com o Senhor na vida e na luta dos pobres que começam a emergir e se tornar sujeitos ativos e construtores da própria história. Essa experiência de encontro é antes de mais nada uma experiência

de gratuidade. No mesmo momento em que o primado da práxis de transformação da realidade é colocada no centro da pastoral e do trabalho de evangelização, a chamada de atenção para a importância da gratuidade se faz sentir, seja nas recomendações pastorais dos bispos reunidos em Medellín (13), seja no livro-manifesto com que G. Gutiérrez lança as bases do novo método de reflexão teológico (14):

Há, portanto, uma consciência do primado e da importância da espiritualidade — e, concretamente, da espiritualidade popular — desde os momentos iniciais da virada da Igreja latino-americana na direção dos pobres e da luta pela justiça, seja por parte dos pastores, seja por parte daqueles que elaboraram a reflexão teórica do processo de mudança da igreja no continente. No novo modo de ser Igreja, nas novas formas de evangelização que começaram a aparecer nos anos 70 e que vão ser referendadas ao final da década pela Conferência de Puebla, está latente a importância e a centralidade da espiritualidade. Ela esteve presente, de fato e de direito, na origem dos processos de libertação latino-americanos. E a história posterior não fez mais que mostrar sua necessidade e importância (15).

### **Contemplativos na libertação: uma eficácia gratuita**

No livro que desencadeou a tomada de consciência do processo da libertação que acontecia nas bases do continente, G. Gutiérrez proclama a necessidade, para a prática de

libertação, não só de categorias teóricas (teológicas e científicas), mas também de “uma atitude vital — global e sintética. — que informa a totalidade e o detalhe de nossa vida” (16). Essa atitude — que é, fundamentalmente e por isso mesmo — uma atitude espiritual — implica um encontro do Espírito que se manifesta preferencialmente em alguns “lugares” históricos com o povo cristão (um povo preciso, com seu projeto, aspirações, lutas e universo simbólico). Esse encontro, que gera uma mística, uma espiritualidade, está, por sua vez, preñado de potencial evangelizador, impregnado do anúncio da Boa Nova. A experiência do encontro do Espírito — que escolhe um “lugar” para se manifestar e fazer sentir Seu sopro de vida — com um povo concreto e determinado, é uma experiência evangelizadora, que faz ressoar de maneira audível e compreensível a Boa Nova do Reino de Deus e que embora se dê dentro de um grupo humano determinado, no seio de um povo concreto, tem alcance e valor universais (17).

Esta aliança inconfundível entre o Espírito e a história marcou de forma indelével a espiritualidade durante os anos 70. Cada vez mais a Igreja latino-americana foi sentindo não haver oposição ou mesmo contraposição entre vida espiritual e vida histórica. A vida cristã — que é, fundamentalmente, vida espiritual por ser vida no Espírito, vida segundo o Espírito de Jesus Cristo — começou a ser cada vez mais compreendida como prática de serviço aos pobres e, mais ainda, como prática a partir dos po-

bres. Os pobres passaram a ser vistos não só como beneficiários da libertação e sua prática senão como o lugar por excelência da presença de Deus, da manifestação do Espírito.

A prática de libertação da qual os pobres eram vistos como sendo cada vez mais os próprios gestores, passou a ser o centro das preocupações da vida cristã e da vida eclesial. Viver a vida cristã passou a ser, sempre mais interferir concretamente nos processos e nas estruturas históricas a fim de transformá-los e transfigurá-los de uma maneira nova, segundo o projeto do Reino de Deus. E isso passou a ser visto como verdadeira evangelização. Evangelizar e lutar pela justiça, evangelizar e assumir o processo da libertação de seu povo passaram a ser encarados como concepções correlatas e, até mesmo, sinônimas. Por isso, trabalhar pela justiça nessa perspectiva da libertação dos pobres, era já também visto como viver em profundidade o encontro com o Senhor, era viver já a espiritualidade.

Nesse sentido, os momentos de oração explícitos, de celebração propriamente ditos tiveram sua importância minimizada em relação ao engajamento concreto e real numa práxis de libertação, no movimento popular, no sindicato e nas lutas e urgências concretas que a problemática muito palpável do povo trazia constantemente à tona (18). Temia-se a alienação contida no bojo de um espiritualismo sem engajamento, sem práxis, de uma contemplação sem ação. A dé-

cada de 70 trouxe um movimento admirável de conscientização do fato de que os pobres são o lugar real da evangelização, que seu clamor e seu grito chegam com força evangelizadora até a Igreja, mas não deixou de mostrar ainda que também essa opção pela práxis transformadora, por mais evangélica que seja, comporta riscos. E que esses riscos — muitos — começavam a se fazer sentir com cada vez mais evidência, alertando os diversos segmentos da Igreja.

Os riscos mais constantes e mordentes pareceram ser aqueles que pareciam querer eximir os cristãos engajados na luta por libertação das tentações comuns a todos os mortais, da concupiscência, do vedetismo, do pecado. Pelo simples fato de se trabalhar com os pobres por sua libertação, a salvação já era vista como algo garantido, arrastando consigo um sentimento de sutil superioridade em relação aos que não optaram por este mesmo caminho. Acrescentem-se a estes as tentativas nem sempre fáceis e muitas vezes frustradas de compaginar militância e vida de fé, justiça e ternura, luta e perdão. Na busca da eficácia da transformação social e da libertação sócio-econômico-política, a Fonte de onde provém a motivação e a força para essa luta, acabava ficando esquecida. E o Espírito, que nunca cessa de pronunciar novas e mais exigentes palavras para dentro da vida da Igreja, começou a fazer sentir seus apelos em novos rumos que, na verdade, eram uma re-descoberta dos mais antigos e mais autênticos, dos primórdios, dos inícios.

A gratuidade, o encontro inefável e gratuito com o Senhor, já presentes e sentidos desde as origens de todo o movimento de libertação da Igreja no continente, começaram novamente a passar para o primeiro plano das preocupações. Passou a ter mais importância analisar não só a prática concreta do Jesus histórico, suas estratégias de luta, suas táticas de recrutamento de seguidores, o contexto sócio-econômico-político onde estava inserido, como também o espírito dessa prática, as atitudes vitais que a dominavam e motivavam e que a pervadiam. Passou a ser objeto de estudo e reflexão a relação de Jesus com seu Deus e Pai, sua oração, sua prática espiritual, de louvor, de reverência, sua preocupação constante e permanente com a glória do Pai e com o fazer sua vontade através de um amor filial tornado serviço fraterno aos outros (19).

Aos poucos, foi se estabelecendo, com sempre maior clareza, a constatação e a certeza de que a vivência mais profunda e consciente da espiritualidade, da dimensão gratuita da vida cristã, de intimidade e encontro com o Senhor não interferia nem diminuía em nada o ardor e a eficácia da práxis e da luta pela transformação da realidade; não afastava o cristão do concreto da militância e da consciência da necessidade de engajamento político e sócio-econômico. Mas, pelo contrário, uma vida de santidade pessoal, cheia de espírito e oração, carregada no seu bojo sua própria eficácia histórica, redobra de intensidade a motivação, o desejo, a coragem e a

capacidade de entrega indispensáveis para que seja encetada toda luta por justiça (20).

Os cristãos da América Latina vinham sendo despertados com cada vez maior força e intensidade para a necessidade de reconstruir a história a partir de dentro, a partir da ótica e da perspectiva dos vencidos, dos empobrecidos. E muitas vezes, neste processo, o desejo e o entusiasmo desta luta trazia consigo também ilusões e problemas. Ora era a euforia um tanto pretensiosa de ser capaz de transformar as situações de pecado e injustiça apenas com o próprio empenho e esforço. Ora era o desgaste emocional e psíquico que trazia consigo uma luta tão empenhativa e exigente que acreditava poder dispensar o cultivo da dimensão afetiva e relacional da vida cristã, a dimensão da amizade alegremente vivida, da festa, do amor enfim, expresso na oração pessoal e comunitária, nas liturgias, nas celebrações e nos ritos. Aos poucos, esses riscos se foram agigantando e tornando-se problemas concretos, reais e de dimensões quase assustadoras. E a proporção que iam tomando foi chamando a atenção de maneira cada vez mais palpável e sensível para a necessidade do primado da gratuidade (21).

A gratuidade inerente à vivência de uma espiritualidade robusta ajuda e torna mais eficaz a práxis transformadora da realidade, não só porque sacia e satisfaz a afetividade e o desejo que pulsa no fundo mais profundo de todo ser humano, mas também e sobretudo porque

previne e proíbe a tentação da dominação de uns sobre outros no trabalho de construção do Reino, a sensação de superioridade ética e sobrevôo olímpico sobre os demais, o culto à personalidade, os vedetismos e as centralizações de poder, o esquecimento de que Deus é a fonte verdadeira e única de todo verdadeiro poder de transformação, de todo real desejo de redenção, de toda ação verdadeiramente desinteressada e generosa e que, portanto, a vida cristã é atravessada do começo ao fim pelo primado da ação de graças daquelas e daqueles que, depois de haverem feito tudo que deviam, se declaram servos inúteis e atribuem a Deus a verdadeira eficácia de sua prática, conscientes de que todo bem se origina anteriormente ao ser humano e é oferecido a este como dom e como capacitação de ser bom para os outros (22).

Neste processo de re-tomada de consciência do primado da espiritualidade na vida cristã da Igreja latino-americana, o Evangelho ressoa de novo e com renovada força como aquilo que realmente é: Boa Nova comunicada e dada a nós, gratuitamente, pela bondade de Deus; chamada de atenção para a encarnação de Deus acontecendo novamente, de maneira nova e fascinante na história de um povo. E como sempre acontece, neste processo e nesta retomada, neste novo momento forte de evangelização que acontece na Igreja do continente, os pobres são os verdadeiros mestres, aqueles que mostram e marcam o caminho e que ajudam a toda a Igreja a descobrir por onde está, neste momento, pas-

sando o sopro do Espírito, aonde e de que maneira está acontecendo, novamente e com redobrada força, a encarnação do Verbo. A maneira dos pobres viverem e comunicarem sua espiritualidade, sua experiência do Espírito, está carregada de potencial evangelizador para a Igreja.

### **A oração dos pobres evangeliza a Igreja**

Na verdade, mais uma vez, no processo de caminhada da Igreja latino-americana, a maneira da maioria dos pobres viverem sua fé e sua esperança tem sido iluminadora para os diversos setores do universo eclesial (23). Os evangelizadores — leigos, religiosos, agentes de pastoral — ao buscarem evangelizar os pobres, ensiná-los a ler, meditar e rezar a Palavra de Deus, se encontram muitas vezes evangelizados. Ao comunicar a Boa Nova aos pobres, estes a devolvem a eles, e o evangelizador conhece mais e melhor o que ele mesmo anuncia e sua existência encontra sentido e significado (24).

Da mesma maneira com relação à experiência espiritual. Ao se colocar no meio dos pobres pretendendo ensiná-los a rezar, dispondo-se a rezar com eles, a partir da leitura da Palavra de Deus confrontada com os acontecimentos, o evangelizador descobre novas e impensadas maneiras de orar, surpreendentes e criativas assimilações e ressonâncias da Palavra de Deus, inéditas formas de acolher, entender e comunicar os movimentos do Espírito que reza em nós com gemidos inefáveis.

Porque na verdade os pobres revolucionam a nossa maneira tradicional de entender a espiritualidade. Colocam em questão todas as determinações mais clássicas e tradicionais que balizavam o encontro com o Senhor para que fosse “produtivo”, cercando-o de precauções a tomar em termos de tempo, espaço, silêncio exterior, etc. (25). Em seu ritmo próprio de vida, nas circunstâncias particulares que cercam o seu dia-a-dia, são capazes de fazer — e realmente o fazem — experiências profundas e verdadeiras de Deus e seu Espírito, capazes de evangelizar e ajudar a rezar àqueles e àquelas que deles se aproximam com intenção e desejo de servi-los.

Os pobres vivem em circunstâncias difíceis. Não possuem — como nós — moradias com diversos cômodos que lhes dêem a possibilidade de isolar-se em algum deles, em busca de silêncio para a oração. Não vivem a poucos minutos de seu local de trabalho, e sobretudo não possuem transporte próprio, que os leve rápida e confortavelmente de um ponto a outro. Dependem de transportes coletivos, cheios, raros, demorados, desconfortáveis. E assim e apesar disso, o mundo vai se transformando para eles, num grande templo, onde em qualquer lugar e circunstância é possível louvar e bendizer a Deus, amá-lo e fazer a experiência de ser profundamente amado por Ele. Um trem cheio pode ser lugar de oração, a cozinha estreita e precária, com crianças e animais domésticos que cruzam a todo momento de um lado para outro, também. O momento de rezar.

pode ser de madrugada, quando todos dormem, inclusive os filhos pequenos e a luz do poste, que vem da rua, ilumina a Bíblia aberta no peitoril da janela, permitindo que a Palavra de Deus penetre e atravesse o duro e cansativo cotidiano.

Da mesma forma, o engajamento de corpo e alma na luta e na pastoral, a militância mais comprometida não impedem os pobres de rezar, não lhes tira o sabor e o desejo da oração. Neste sentido, os pobres nos ensinam a ter e adquirir uma visão e uma experiência "gratuitas" da mesma gratuidade. Não aparece em suas preocupações mais primordiais a necessidade de rezar *para* lutarem e se engajarem melhor, *para* serem mais eficazes em sua luta, *para* produzirem melhores resultados em suas lutas de libertação. Para eles, é bom rezar porque é bom encontrar-se com o Senhor, é bom louvá-lo e bendizê-lo, é bom fazer a experiência inefável de Seu Amor.

Por isso é sempre pedagógico e evangelizador para nós, que trabalhamos pastoralmente nos meios populares, constatar o autêntico prazer que têm as pessoas mais simples em partilhar sua oração, em exprimir em voz alta o conteúdo de sua experiência espiritual, a tal ponto que às vezes a coordenação precisa interferir e lembrar o adiantado da hora para que a reunião não se prolongue horas e horas a fio. Igualmente é anúncio da Boa Notícia para nós participar das celebrações que os pobres organizam e dirigem. É uma verdadeira festa, preparada com carinho e cuidado comoventes, que canaliza o melhor

das energias e dos recursos da comunidade, sem nenhum objetivo imediato e "útil", sem outra finalidade que exprimir a devoção e o carinho que o povo sente por Deus, por Jesus, por Maria, pelo santo padroeiro (26).

Essa naturalidade e essa familiaridade com o transcendente e o divino, tesouro que já vinha sendo detectado pela Igreja da América Latina desde o evento importante e fundamental da Conferência de Medellín, essa facilidade de expressão e de comunicação do religioso, presente no universo popular foi crescendo, se solidificando e se purificando ao longo destes vinte anos, de maneira que, agora, não constitui apenas um "caniço rachado" ou uma "mecha que apenas fumega", mas uma luz forte e poderosa, que brilha com fulgor próprio e ilumina a totalidade da Igreja com a Luz da Boa Nova do Evangelho.

No momento em que a Igreja latino-americana redescobre o potencial evangelizador e libertador da espiritualidade, no momento em que por todas as partes do continente se constata, se reflete e se discute a importância primordial da espiritualidade no processo global da libertação (27), os pobres são mais uma vez os mestres em cuja escola é importante entrar humildemente e aprender. Em sua vida tão dura e cheia de sofrimentos há algo de último e de santo, de indestrutível e de iluminador, que na verdade é último, santo, indestrutível e iluminador para toda a Igreja que se põe neste momento à escuta dessa experiência e desta voz que vêm dos

subterrâneos da história. Os pobres, com sua esperança isenta de amargura em meio às situações mais terríveis, com a alegria pura e comovente que expressam pelo simples fato de poder rezar juntos, chamar Deus de Pai, Maria de Mãe, celebrar a Palavra e a Eucaristia, viver a solidariedade, estão dando, neste momento da história, um corpo novo ao Verbo de Deus. E ensinando e anunciando a dimensão de milagre que existe no mais banal e sofrido cotidiano quando vivido à luz da fé e sob o impulso do Espírito Santo.

### **Conclusão: O povo que reza é fazedor de milagres**

Numa reunião de planejamento mensal de uma comunidade muito pobre, o texto evangélico lido pelo agente para a oração inicial, era o relato de dois milagres de Jesus: a cura da mulher hemorroíssa e a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5, 21-43). Após a leitura, veio o momento da partilha. O agente sugeriu: "Vamos refletir um momento sobre se já vimos acontecer algum milagre aqui na nossa comunidade?" O silêncio pesou por alguns longos minutos. Todos se entreolhavam, incrédulos e espantados. Milagres ali? No meio deles?

E de repente o sopro do Espírito se fez ouvir. Então não era milagre conseguir viver e chegar ao fim do mês com esse salário que minguava a cada dia e o custo de vida que subia sem parar? E não era maior milagre ainda aquela comunidade, lutando com tantas dificuldades, tanta pobreza e tão ameaçada pela

violência todo dia, ainda encontrar alegria e força suficientes para fazer festa, para enfeitar as ruas de bandeirinhas no dia de São João, para comer, beber e cantar e enfeitar a Igreja toda na festa da Padroeira? A partilha se prolongou por um longo tempo. Cada um narrava novos e até então não percebidos milagres. Os milagres mais "pessoais" se seguiram aos coletivos: a cura do filho pelo poder da oração, o barraco que não foi derubado pela enchente, a reza do terço à qual no início vinha pouca gente e que agora juntava toda a vizinhança, convertendo e atraindo até mesmo os que antes estavam indiferentes. E muitos, muitos mais.

Jesus de Nazaré, o carpinteiro fazedor de milagres, se revelava de novo, encarnado na vida daquele povo tão simples que só tinha de seu a fé e a esperança dadas pela graça divina. E graças ao dom do seu Espírito e ao poder da oração, o Evangelho era anunciado e se difundia, a comunidade crescia mesmo com todos os problemas e dificuldades, a vida vencida a morte que teimava em querer corroer e destruir. Jesus de Nazaré, a Palavra de Deus, Pão vivo descido do céu para alimento e vida do mundo, continua a ser encontrado, conhecido, amado e seguido nos pobres que nas periferias e nos campos do continente, vão construindo e dando testemunho do Reino de Deus. Assim como os contemporâneos de Jesus perguntavam, incrédulos, por sua origem divina vendo sua pobreza e simplicidade tão humanas, assim também os pobres, homens e mulheres, possuídos

pelo mesmo Espírito de Jesus, são olhados com desconfiança e suspeita pelos próprios companheiros. Mas a força de sua esperança, a verdade de sua espiritualidade e a luz de seu testemunho teimam em permanecer e se impor, fazendo o Evan-

gelho ressoar, não só no meio dos pobres, mas para toda a Igreja. O milagre da Encarnação, que faz nascer a força e a glória de Deus na pobreza e fraqueza da carne humana, acontece de novo na experiência espiritual dos pobres.

## NOTAS

(1) *Evangelii Nuntiandi* n. 7. (2) Cf. J. SOBRINO, *Evangelización y seguimiento de Jesus*, in **Liberación con Espíritu**, Sal Terrae, Santander, 1985, pg. 162. (3) Segundo G. GUTIERREZ, é a experiência de beber do "poço" do Espírito que habita as tramas mais profundas da história. V. **Beber no próprio poço. Itinerário espiritual de um povo**, Vozes, Petrópolis, 1984. (4) *Ibid.*, pg. 23. (5) V. o comentário que sobre isso faz G. GUTIERREZ, *ibid.*, pg. 23, n. 6: "Alguns tenderiam a considerar esta espiritualidade como tradicional; porém, isto dependerá da época em que se faça iniciar a vigência desta tradição. Creemos que a noção tem demasiada utilidade e significado, na experiência e reflexão cristãs, para que seja empregada como referência ao que segue." (6) Citação de AG n. 9. (7) Citação de NA n. 2. (8) Citação de Mt 12,20. (9) Citação de AG n. 11. (10) V. o livro de L. BOFF, com este nome **Eclogogênese**. Vozes, Petrópolis, 1976. (11) Cf. o que sobre isso diz P. RICHARD, **A força espiritual da Igreja dos pobres**, DEI, Costa Rica, 1987, pp. 80-81. (12) Cf. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellin**, 4ª edição, Vozes, Petrópolis, 1971, Cap. **Evangelização e crescimento na fé, III. Recomendações Pastorais**. (13) *Ibid.* (14) G. GUTIERREZ, **Teologia da Libertação**, Vozes, Petrópolis, 1975, pg. 174: "Uma espiritualidade da libertação deve estar impregnada de vivência de gratuidade. A comunhão com o Senhor e com todos os homens é, antes de tudo, um dom. Daí a universalidade e a radicalidade da libertação trazida por ele. Um dom que, longe de ser um chamado a

passividade, exige uma atitude vigilante. É um dos temas bíblicos mais constantes: o encontro com o Senhor supõe atenção, disposição ativa, trabalho, fidelidade à sua vontade, frutificação dos talentos recebidos. Saber, porém, que na raiz de nossa existência pessoal e comunitária se acha o dom da autocomunicação de Deus, a graça de sua amizade, enche de gratuidade a nossa vida. Faz-nos ver como um dom nossos encontros com outros homens, nossos afetos, tudo o que nos acontece. Só se ama autenticamente quando há entrega gratuita, não condicionada, não coagida. Só o amor gratuito vai até a raiz de nós mesmos e faz aí brotar o verdadeiro amor." (15) J. SOBRINO, *Espiritualidad y liberación*, in **Liberación con Espíritu**, pg. 36. (16) G. GUTIERREZ, **Teologia da Libertação**, pg. 172. (17) Cf. S. GALILEA, **O rosto latino-americano da espiritualidade**, **REB** 39 (1979) pp. 566-567. (18) V. a admirável e pertinente análise que faz sobre esse problema M. DE BARROS SOUZA, **A oração pessoal e litúrgica na caminhada popular**, texto datilografado, Golás, 1987. (19) J. SOBRINO, no seu trabalho "La importancia actual de la vida espiritual", in **Liberación con Espíritu**, pg. 14, desenvolve belamente esta necessidade de se tomar com atenção primordial o espírito da prática de Jesus, contido sobretudo nas Bem-aventuranças. (20) Cf. J. SOBRINO, *ibid.*, pp. 14-15. V. tb. G. GUTIERREZ, **Teologia da Libertação**, pg. 175: "O único Deus crível, diria com razão Bonhoeffer, é o Deus dos místicos. Mas não é um Deus sem relação com a história humana. Pelo contrário. Se é verdade... que é necessário passar pelo homem para che-

gar a Deus, é igualmente certo que a "passagem" para esse Deus gratuito me despoja, me desnuda, universaliza e torna gratuito meu amor aos demais. Ambos os movimentos exigem-se dialeticamente e convergem numa síntese." (21) Pensamos aqui nos diversos casos que têm chegado aos nossos ouvidos sobre cristãos, agentes de pastoral, militantes, que jogam suas vidas, cheios de generosidade e ideal, mas muitas vezes sem suficiente discernimento, na luta política e vão deixando de lado todo o suporte afetivo que os apoiava antes, seja em termos de relações humanas seja em termos da própria referência de fé e eclesial. São profundamente entristecedoras as histórias que chegam ao nosso conhecimento sobre esses cristãos, generosos e cheios de fogo, que acabam entrando num desgaste afetivo que vai terminar por conduzi-los à depressão, à neurose, e, em alguns casos, até mesmo ao suicídio. (22) Cf. o que diz J. SOBRINO, no artigo "Espiritualidad y liberación", in **Liberación con Espiritu**, pg. 51, citando a G. FAUSS, quando diz que "há que fazer a revolução como um perdoado", porque em todos existe limitação e pecado. (23) Não estamos afirmando aqui que os pobres, pelo simples fato de serem pobres, já são definitiva e irremediavelmente santos. Nem tampouco afirmamos que a totalidade dos cristãos das camadas populares tenha atravessado incólumes todos estes vinte anos de tentativa da Igreja do continente pela descoberta de novos rumos. No meio dos pobres — como em todo meio humano — há também e bastante, tentações, imperfeições e pecado. O que queremos dizer é que os tesouros da experiência religiosa e espiritual dos meios populares ainda não foram esgotados e continuam sendo para toda a Igreja uma poderosa chamada de atenção, sobretudo neste momento de re-valorização da espiritualidade como potencial evangelizador. Cf. o que sobre isso comenta J. SOBRINO, *Espiritualidad y liberación*, pg. 52: "Nem tudo o que são e fazem os pobres é evangelho; mas muito do que são e fazem o é. Em qualquer caso, é muito certa a afirmação, não por repetida menos verdadeira, de que os pobres nos evangelizam. E "evangelho" também

para nós, tem seu sentido primigênio: uma boa notícia que Deus, em sua bondade, se decidiu comunicar e fazer presente. Essa boa notícia é a que se nos deu; e enquanto é recebida como dom, configura no mais profundo de seu espírito a quem a recebe, tanto para aceitá-la agradecido como para colocá-la para produzir." (24) Cf. J. SOBRINO, *Evangelización y seguimiento de Jesus*, in **Liberación con espíritu**, pg. 169. (25) Não estamos afirmando aqui que essas orientações não são boas. Acreditamos profundamente na importância e no valor do silêncio, do retiro espiritual, etc. O que afirmamos é que, na vida dos pobres, por seu ritmo e contingência, nem sempre essas circunstâncias podem se dar, e isto não impede que esses pobres sejam pessoas de profunda oração e façam de maneira simples e verdadeira a experiência de encontro com o Senhor e a síntese entre essa experiência e os acontecimentos e interpelações da vida cotidiana. (26) Na favela onde trabalho, com os coordenadores de círculos bíblicos, partiu deles mesmos a organização de uma missa festiva para o encerramento do mês de maio. Nós, agentes e o padre, não interferimos em nada. Nunca se viu aquela igreja tão enfeitada, engalanada de flores e guirlandas. A procissão de coroação de Nossa Senhora tinha cerca de 20 anjinhos vestidos com túnicas de cetim, asinhas, etc. Os cantos, em parte, eram conhecidos, mas em boa parte eram cantos do interior de Minas ou do Nordeste, donde aquelas pessoas vêm, migrantes, em busca de trabalho na cidade grande. Nunca vi o povo tão alegre. No centro, a imagem de Nossa Senhora, era rodeada de gente, que se ajoelhava e rezava, fazia gestos de carinho e de veneração. Foi realmente uma festa que o povo preparou e gozou como realmente sua. Ali era o seu terreno, ali estavam à vontade. Eram filhos festejando a festa de sua Mãe. (27) Note-se a grande quantidade de obras, livros e artigos sobre a espiritualidade que aparecem na produção teológica latino-americana dos últimos tempos. Os protagonistas da Teologia da Libertação vêm se dedicando ultimamente a refletir sobre este tema, ressaltando assim ainda mais sua importância. □

# ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

## CONVERGÊNCIA, ANO DE 1988

*Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1988. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.*

**Ir. Yolanda Nascimento, MJC**

Rio de Janeiro, RJ

AMARANTE, Maria Cecília Rondon — Canonização de Rosa Filipina Duchesne, Missionária Religiosa do S. Coração de Jesus (Informe da CRB) .....	214/323
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — A Evangelização da América Latina além do Vaticano II, Medellín e Puebla .....	214/350
AUTRAN, Ir. Aleixo Maria, FMS — Aliados aos pobres com Maria ....	212/211
AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho, SJ — Evangelização, Inculturação e Vida Religiosa .....	209/ 33
— Igreja, cultura, libertação .....	218/596
BEOZZO, Pe. José Oscar — A Escravidão que fez e explica o Brasil ..	212/240
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti — O potencial evangelizador da experiência espiritual: encarnação de Deus na história do povo .....	218/624
BINOTTO, Ir. Rozilde Maria, SDS — Irmãs do Divino Salvador: Salvadorianas. Cem anos de existência (Informe da CRB) .....	213/280
BOMBONATTO, Ir. Ivanise, FSP — A Espiritualidade da Igreja dos Pobres	211/167
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — Dom Bosco no Centenário de Sua Morte ..	209/ 52
— Visão Eclesiológica do Sínodo .....	212/229
CALIS, Ir. Eliane de, SDS — Seminário Nacional de Saúde (Informe da CRB) .....	209/ 11
CANSI, Fr. Bernardo, OFM, Cap — Uma Nova Catequese: preparando o V Centenário de Evangelização da América Latina .....	216/471

CARMEN MARIA, Ir., N. S. Sion — Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion (Informe da CRB) .....	214/328
CARVALHEIRA, Dom Marcelo Pinto — Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo .....	214/336
CARVALHO, Ir. Ione Vilar de — Uma Santa de nossos dias (Informe da CRB) .....	213/266
CERIS Informa — CERIS: 25 anos de Serviço à Igreja do Brasil (Informe da CRB) .....	210/ 90
CLAR — Sinais Proféticos do Reino .....	210/112
CNBB. ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de — Nota para audiência no Palácio. (Informe da CRB) .....	212/209
CNBB. ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de, PONTE, Dom Paulo Eduardo Andrade e QUEIROZ, Dom Antonio Carlos Celso de — Nota da Presidência sobre o momento nacional, 30/01/1988 (Informe da CRB)	212/205
CNBB. CONSELHO PERMANENTE — Comunicado. "A serviço da Verdade, da Justiça e da Vida" (Informe da CRB) .....	210/ 76
CNBB. REGIONAL NORTE I. GRECHI, Dom Moacir e LOEBENS, Guenter Francisco — Carta ao Ir. Claudino Falchetto, Presidente da CRB, sobre a Causa Indígena (Informe da CRB) .....	212/210
CNBB/CRB. FASSINI, Pe. Ático, MS — Ata da Reunião conjunta da Presidência e CEP da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB) .....	210/ 72
— Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB) .....	217/515
COMBLIN, Pe. José — A Nova Evangelização da América Latina e o Caminho da Reconciliação .....	217/541
CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA — XXV Jornada de Orações pelas Vocações. Carta (Informe da CRB) .....	212/200
CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. SECRETARIADO NACIONAL — A Igreja e a Questão Indígena na Constituinte (Informe da CRB)	211/139
CRB — FASSINI, Pe. Ático, MS — Encontro da Diretoria e Secretários Executivos Nacionais com os Presidentes e Secretários Executivos Regionais da CRB (Informe da CRB) .....	210/ 78
CRB — REGIONAL DE CURITIBA. PARTICIPANTES DA XIX ASSEMBLÉIA DA CRB REGIONAL. — CRB de Curitiba (Informe da CRB)	209/ 14
CRB — REGIONAL DE PORTO ALEGRE. SECRETARIA — Congregação Brasileira no Haiti (Informe da CRB) .....	211/138
CUNHA, Pe. Rogério Ignácio de Almeida, SDB — Evangelizar o Mundo do Trabalho .....	214/371
DÁVI, Ir. Maria Zélia, OSS — Pro Foco III. Primeira Etapa — (Informe da CRB) .....	209/ 13
DEL CERO, Ir. Analice Maria, CORRÊA, Ir. Hildegardis e DALDOLIN, Ir. Helena. CONGREG. DAS IRS. DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. — Nossa Missão em Francisco Santos, Estado do Piauí (Informe da CRB) .....	214/325

FALQUETTO, Ir. Claudino, FMS — Identidade da Vocação do Irmão . . . . .	212/222
— Nova Evangelização e Vida Religiosa . . . . .	217/576
— Segundo Encontro do Cone Sul (Informe da CRB) . . . . .	209/ 6
FARIAS, Ir. M. Judith V. de, FDC — Filhas do Amor Divino: 50 Anos de Nordeste (Informe da CRB) . . . . .	214/325
FASSINI, Pe. Ático, MS — Desagravo à CNBB e a Dom Luciano Mendes de Almeida (Informe da CRB) . . . . .	211/136
— I Seminário Nacional de Irmãos (Informe da CRB) . . . . .	209/ 7
FRANCISCANAS DE INGOLSTADT — Cincoenta anos das Franciscanas de Ingolstadt no Brasil (Informe da CRB) . . . . .	216/451
FRANCISCANAS DE MARISTELLA. SECRETARIA PROVINCIAL — Congregação das Irmãs Franciscanas de Maristella: 50 anos de Brasil (Informe da CRB) . . . . .	216/451
FRANCISCANAS MISSIONÁRIAS DE MARIA. SECRETARIA PROVINCIAL — Pequeno histórico da Província das Franciscanas Missionárias de Maria (Informe da CRB) . . . . .	216/452
FRANCISCO, Pe. Manoel João — A Inculturação da Liturgia para uma nova Evangelização na AL . . . . .	211/155
FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI — Profetas e mártires em cinco séculos de evangelização . . . . .	218/610
GARDENAL, Pe. João Maria, SJ e SPOLH, Pe. William, SJ — O sentido profundo da Castidade na Vida Sacerdotal e Religiosa (Informe da CRB) . . . . .	214/331
GASCHO, Ir. Maria de Lurdes, CF e RIBAS, Ir. Jorge Moreira, FMS — CERNE XXXVI (Informe da CRB) . . . . .	211/134
— CERNE XXXVII (Informe da CRB) . . . . .	216/453
— XXXVIII CERNE (Informe da CRB) . . . . .	217/516
GHEYSENS, Pe. Gabriel — Congregação do Imaculado Coração de Maria: 25 anos de Brasil (Informe da CRB) . . . . .	218/585
GUERTECHIN, Pe. Thierry Linard de, SJ — "Sollicitudo Rei Socialis: Um resumo da Encíclica . . . . .	217/518
HAMER, Card. Jerôme, OP e FOGIOLO, Dom Vicentius — Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (Informe da CRB) . . . . .	212/204
HAUCK, Pe. João Fagundes, CSSR — A Vida Religiosa e a Evangelização no Brasil Colônia e Império . . . . .	210/105
JOÃO PAULO II — América, chegou a tua hora de ser evangelizadora . . . . .	209/ 3
— Carta a todas as pessoas Consagradas das Comunidades Religiosas e dos Institutos Seculares por ocasião do Ano Mariano . . . . .	218/586
— A Estratégia da Confiança para a Justiça e para a Paz . . . . .	212/195
— Que o Mundo inteiro Ressuscite com Cristo . . . . .	211/131
— XXV Jornada Mundial de Orações pelas Vocações (Informe da CRB) . . . . .	212/202
— A Vossa Vocação nasceu da Luz que é Cristo . . . . .	210/ 67
KIRCHNER, Pe. Lufs, CSSR — Afonso de Liguori e a Vida Religiosa (Informe da CRB) . . . . .	211/137
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — Contradições na Igreja Inculturada no Brasil . . . . .	213/288

LEONARD, Pe. Patrick J., CSSp — O Retiro Espiritual .....	216/510
— Seminário de Direção Espiritual (Informe da CRB) .....	216/456
LEONARDI, Pe. Guisepe — Pastoral da Universidade e Vida Religiosa	215/438
LIBÂNIO, Pe. João Batista, SJ — O desafio da Evangelização no limiar do Terceiro Milênio .....	209/ 19
LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — CETEPISTAS fazem Exercícios Inacianos (In- forme da CRB) .....	213/259
LORSCHIEDER, Card. Aloísio — A Missão dos Religiosos na Inserção nos Meios Populares .....	210/122
MAIA, Pe. Pedro Américo, SJ — José de Anchieta, o Catequista do Brasil .....	213/267
MASI, Pe. Nicolau, SX — A Nova Evangelização como Nova Páscoa para a América Latina em busca de libertação .....	211/143
MICHELIN, Ir. Antenesca — Caminhada Mariana (Informe da CRB) ...	216/458
NERY, Ir. Israel José, FSC — Campanha da Fraternidade: 1988. "A Fraternidade e o Negro" .....	210/ 97
OLIVEIRA, Ir. Maria Eunice de, CFSS e LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — Ce- lebrando mais um CETESP (Informe da CRB) .....	211/135
— O CETESP XXIII (Informe da CRB) .....	218/579
OLIVEIRA, Pe. José Antonio Netto de, SJ — Formação para a Missão ..	216/483
PALEARI, Pe. Jorge — Inculturação (Teologia, História e Libertação) ..	215/402
PIRES, D. José Maria — A Igreja e a Escravidão no Brasil .....	213/277
PRETTO, Pe. Hermilo E., CS — Vida Religiosa e Pastoral das Migrações no Brasil .....	214/359
RIBEIRO, Ir. Elza, P. Gap — XV Assembléia das Superiores Gerais das Congregações Brasileiras (Informe da CRB) .....	209/ 12
— PRO FOCO III. Segunda Etapa (Informe da CRB) .....	216/455
— Seminário Nacional de Formação na Inserção (Informe da CRB)	210/ 87
— Seminário Nacional do GRI (Informe da CRB) .....	218/580
SARNEY, Dr. José, Presidente da República — Carta ao Presidente da CNBB (Informe da CRB) .....	212/208
SILVA, Pe. Antonio Aparecido da, F.D.P. — Vida Religiosa, Nova Evan- gelização e Povo Negro .....	217/558
SÍNODO DOS BISPOS, OUTUBRO DE 1987 — Pelos Caminhos do Mundo. Mensagem ao Povo de Deus .....	214/343
SOBRINO, Jon — Que Cristo se descubra na América Latina em vista a uma nova Espiritualidade .....	213/305
SOUZA, Ir. M. Goretti Queiroz de — Cinquentenário da Congregação das Irmãs Missionárias Carmelitas (Informe da CRB) .....	209/ 17
SUESS, Pe. Paulo — A Evangelização dos Povos Indígenas: acenos his- tóricos e desafios atuais .....	211/176
TABORDA, Pe. Francisco, SJ — Vida Religiosa, Evangelização e Socie- dade de Classes .....	215/421
TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto — As CEBs e os desafios da Evangeli- zação .....	216/499

TEPE, D. Valfredo — Vida Religiosa e Igreja Particular. Reflexões para o momento atual .....	216/459
TEPEDINO, Ana Maria — Natal: Festa da Esperança .....	209/ 47
TERNAY, Pe. Henrique de, SJ e WEILER, Ir. Lúcia — Uma resscuta prática da voz do Exôdo. Contribuições da Teologia Narrativa para a Teologia da Libertação .....	217/523
WEILER, Ir. Lúcia — Palavra de Deus: Força geradora de uma Nova Evangelização .....	215/387
ZANOLLA, Fr. Renato — Apoio às Irmãs de Encruzilhada do Sul (Informe da CRB) .....	209/ 16

### Uma lembrança ou uma presença?

Bíblia — “E vós quem dizeis que eu sou?”, Mc 8, 29.

Leitor — Cabe a cada um dar-lhe a resposta, desejosa não de perpetuar a LEMBRANÇA de Alguém que desapareceu, mas de atestar a PRESENÇA de Quem está vivo e agindo em nós e por nós (Pe. Marcos de Lima, SDB).

### Deus perscruta o coração humano

Bíblia — “Quem vos der um copo d’água por serdes de Cristo, não perderá a sua recompensa”, Mc 9, 41.

Leitor — A solidariedade não se mede pela grandeza do gesto, mas pelo gosto de partir, partilhar e repartir o que se tem e o que se é. Um laço anônimo com Jesus, um gesto simples de simpatia, um prejuízo causado ao menor dos irmãos, têm peso especial aos olhos de Deus que perscruta as profundezas do coração humano (Pe. Marcos de Lima, SDB).

### Só, ninguém é feliz

Bíblia — “Não é BOM que o homem esteja SÓ”, Gen 2, 18.

Leitor — A solidão pode ser uma maldição. Ninguém foi feito para viver com o coração vazio. SÓ, tanto o homem quanto a mulher, é um ser incompleto, inacabado, infeliz. Somos criados para uma comum união: com Deus, com o próximo, com o cônjuge. Toda comunhão de vida provém de Deus (Pe. Marcos de Lima, SDB).



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de dezembro de 1988

Sigamos José e Maria até Belém. Pelos aclives dos caminhos, pelo desdobrar dos cômodos ondulados, eles transpuseram a porta das ovelhas e pararam à beira do túmulo de Jacó. Choraram Raquel. E, **quando a noite se fechou, subiram as encostas de Belém**. Atravessaram a muralha e, aí, procuraram a primeira estalagem. Todos os lugares tomados. Bateram em outra porta. Não havia aposento vago. Noite gélida. Céu sem nuvem. Ruas desertas. Longe, no campo dos pastores, **uma gruta aberta e uma manjedoura** onde o gado se recolhia para abrigar-se da noite e comer o feno. Maria e José se agasalharam. O boi e o burro se acomodaram.

Neste espaço de rocha, reentrância de pedra, muda de longuíssimo silêncio, um luxo de simplicidade, num salto da eternidade para o tempo, **Maria deu à luz seu Unigênito Filho, JESUS**. De joelhos, reze comigo silabando: "No princípio era o Verbo. E o Verbo estava em Deus. E o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós", Jo 1, 1-2.14. É NATAL! Jesus, Senhor nosso, luz de Deus feita carne! Deus conosco! Pureza invencível! Bendito fruto do vosso ventre! Ave, Maria! **O presépio traz uma saudade imensa de nós mesmos**, de tempos mais inocentes quando, contentes, tínhamos as mãos cheias de palmas. Não se lembra? E como me lembro!

**FELIZ NATAL!** Jesus desceu os degraus abissais de sua divindade. Soberano do tempo, perpassou, de ponta a ponta, a nuvem luminosa das profecias. Tocou, na inesperada humildade de Belém e na cândida pureza da Virgem Maria, tocou no itinerário do homem creditando-lhe a certeza de estar realizando um encontro esperado e marcado com um amigo que se conhece, um irmão do próprio sangue, o SALVADOR de que ele tem necessidade.

JESUS é a esperança tenaz — terna e eterna — realizada para o homem. Longe de nós uma vida desesperançada, uma vida abatida, uma vida cansada, mesmo se nossos projetos não se realizam e nossas decepções se acumulam. Com Deus a própria dor dói menos. Por vezes, também, temos na garganta uma inquietude injustificada. **NATAL é luz. É ternura. É JESUS. É júbilo. É doçura. É aurora e amanhecer.** É a riqueza da comunhão que nos traz Jesus, abrindo uns aos outros e todos para Deus. Abramos um palmo de rosto para rir e sorrir a sério. Ergamos a vista para janelas invisíveis em busca de Alguém capaz de trocar a realidade que é pelo desejo do que ela seja. Afinal, ninguém vive, com exclusividade, para o presente. **NATAL! Nunca mais o homem estará só.** Deus, agora, estará nele, sempre, sofrendo sua dor, vivendo sua alegria, consagrando sua vida, redimindo sua morte. Perspectiva sem fronteira!

Esta certeza esteja com Você, Religioso e Religiosa, todos os dias deste **novo tempo — 1989** — que se aproxima com a surpresa fecunda do Natal, a presença humana de Deus entre nós, **JESUS. FELIZ E PRÓSPERO ANO NOVO!** Ano de paz, de harmonia, de saúde, de amor. Um ano de fé, esperança, fraternidade com forte vínculo afetivo e efetivo. Acima de tudo: **um ano com Deus**. Aqui está o essencial, o medular: **ESTAR COM DEUS**. Ser uma criatura invadida pelo seu mistério. Nossa vida tem sentido e valor na medida em que o Senhor estiver conosco. **A fé em Deus, como dom dEle, e a certeza de Deus em nós, acolhida na verdade humilde do que somos,** criam cenários de coerência interior que tornam a gente feliz. Havendo fé, o deserto volta a florir. A fé revela uma ordem de coisas maior e mais abrangente do que é capaz a vã filosofia.

### **FELIZ NATAL E PRÓSPERO 1989!**

Nós o desejamos fervidamente. A vida para o cristão é caminho. Não é pouso. É marcha ao ritmo da dinâmica tendencial irreversível do Evangelho. Quem não avança, recua. Avante, pois, sempre, com Deus. **A fé em Deus faz ver até o invisível** (Heb 11, 27) e **saborear o que ainda é promessa e utopia**. Seja a fé, em 1989, a bóia luminosa para os momentos em que cada um precisar de socorro.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

**PE. MARCOS DE LIMA, SDB**  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB